OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XVI

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Revistas e methodicamente coordenadas por ***

XVI

THEATRO — I

OTHELLO OU O MOURO DE VENEZA

AS REDEAS DO GOVERNO

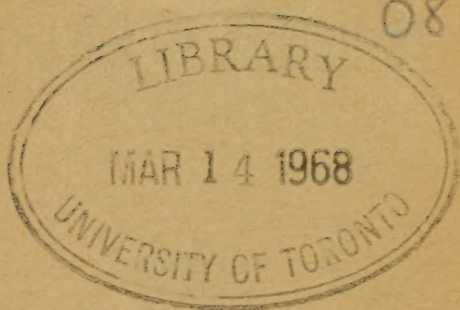
LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

R. Augusta, 95 | *45 R. Ivens, 47*

1907

NOTA BIBLIOGRAPHICA

APESAR de ter sido o theatro um dos generos litterarios a que Rebello da Silva se dedicou com bastante gosto, o que é certo é que, bem rebuscado tudo, o que se apura dá unicamente para dois escassos voluminhos da nossa edição.

Pelas indicações que nos fornece Innocencio, sabemos que elle traduziu as seguintes peças do francez: *Honra e dinheiro*, de Ponsard; *Angelo*, de Victor Hugo; *Gusmão o bravo*, de Méry; e a *Fada*, de Octave Feuillet. Mas, além d'estas, mais se sabe que varias outras foram representadas no theatro de D. Maria II, conseguindo alcançar-se ainda, quasi por milagre, o rasto de uma d'ellas — *As redeas do governo* — que, por pouco, não desappareceu na voragem que tragou tantas outras composições theatraes, que per-

tenceram ao opulento archivo do Theatro Normal.

E é ao sr. Pinto de Carvalho, a quem as boas lettras portuguezas tanto devem em pacientes e aturadas investigações historicas de casos curiosos dos fins do seculo XVIII e de todo o seculo XIX que temos de, reconhecidos, agradecer o achado; pois que, abusando da sua bondade, a elle recorremos para nos saber alguma coisa do theatro de Rebello, e aquelle nosso bom amigo tanto rebuscou, tanto procurou que lá foi descobrir na Bibliotheca Nacional de Lisboa uma copia manuscripta de *As redeas do governo*, uma comedia representada em D. Maria, de que nunca tivéramos conhecimento — e nos deu depois a curiosa noticia que em seguida reproduzimos de uma carta que o incançavel e curioso investigador amavelmente nos endereçou e que constitue a parte verdadeiramente notavel e de valor da presente nota.

Meu caro amigo. — Ahi lhe envio as informações que me pediu, e que obtive, a respeito das peças traduzidas pelo eloquente escriptor Luiz Augusto Rebello da Silva, peças que deviam existir no archivo do theatro de D. Maria II, por terem sido representadas aqui. O archivo conservou-se intacto até

ao tempo da empreza do Santos *Pitorra*. Mas este sahiu zangado com o governo, á sua empreza succederam-se outras, e foi então que o archivo, andando ao Deus dará, se começou a desbaratar. Foi-se, pouco a pouco, empobrecendo, já pelo diminuto cuidado dos emprezarios, já pelo emprestimo dos manuscriptos, que, d'est'arte, foram levando sumiço, sem que actualmente se saiba, com certeza, em que mãos param.

Alguns d'elles pertenceram, mais tarde, á Sr.ª D. Maxima Romana das Dores Ferreira, antiga actriz do theatro de D. Maria II, que conseguiu juntar um bom numero de peças theatraes. Esta senhora foi actriz — discipula do Conservatorio, em 1866 ou 1867, foi admittida n'aquelle theatro, de onde sahiu em 1870, e, indo para as ilhas dos Açores e da Madeira, ahi se conservou como emprezaria durante alguns annos. Como já disse, reuniu uma importante collecção de peças de theatro, manuscriptas e impressas, incluindo, entre as primeiras, varias traducções de Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Francisco Palha e Ernesto Biester, collecção que vendeu ao livreiro sr. João Marques da Silva Junior, actualmente empregado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, ao qual foi depois comprada pela mesma Bibliotheca em 1903-1904. Accrescentaremos, como indicação biogra-

phica, que aquella senhora casou com Carlos Barreiros, inspector dos incendios e auctor dramatico.

E' na collecção citada, que existe o manuscripto de uma comedia, *As redeas do governo*, traduzida do hespanhol pelo Rebello da Silva e representada no theatro de D. Maria II. Quem nos deu noticia da existencia da peça foi o sr. José Antonio Moniz, zelosissimo conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Lamento que as minhas informações sejam tão escassas, mas não as pude obter mais completas. Fico sempre ás suas ordens e creia-me que sou seu amigo, etc.—*Pinto de Carvalho (Tinop).*

Lisboa, 25 de janeiro de 1907.

N'esta carta ha muito que observar e muito que aprender; quem tiver olhos para vêr que veja.

Do resto do theatro que sabemos ter sido dado á estampa, apenas tivemos noticia do *Othello ou o Mouro de Veneza*, tragedia em 5 actos imitação, cuja unica edição publicada é de 1856 (um volume in-8.º de 96 paginas, Lisboa, Typographia do *Panorama*, Travessa da Victoria, 52); de *A Mocidade de D.*

João V, comedia drama em 5 actos (extrahida do notavel romance do mesmo titulo) por Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester, de que tambem se publicou até hoje apenas uma edição (Lisboa, Typographia do *Ponorama*, Travessa da Victoria, 52, 1856, um volume in-8.º de 159 paginas), comedia que centenares de vezes tem subido já á scena e que ainda hoje é ouvida com agrado; e, por ultimo, do *Infante Santo*, nunca representado e de que unicamente foram publicadas as primeiras scenas na famosa revista litteraria *Archivo Universal*.

N'estas breves linhas fica exarado o pouco que lográmos apurar do que diz respeito ás producções theatraes do notavel polygrapho Rebello da Silva.

No presente volume, pois, incluiremos o *Othello* e *As redeas do governo*; no segundo e ultimo, a comedia *Mocidade de D. João V*, e o pouco que existe impresso do *Infante Santo*.

OTHELLO

OU

O MOURO DE VENEZA

TRAGEDIA EM 5 ACTOS

PERSONAGENS

OTHELLO — O Mouro
MONCENIGO — Doge de Veneza
BRABANCIO — Senador
LOREDANO — Filho do Doge
YAGO — Alferes de Othello
DESDEMONA — Filha de Brabancio
HERMANCIA — Aia de Desdemona
SENADORES
OFFICIAES

A scena é passada em Veneza

ACTO I

O theatro representa a sala do senado.—Os senadores sentados.—Numerosos officiaes aguardam em pé, a distancia d'elle.

SCENA I

Moncenigo, Senadores, Officiaes

Moncenigo.—¡Desterrae os cuidados, senhores! Veneza ergueu-se armada assim que o perigo a apertou. A torrente vinha sobre nós, mas Othello obrigou-a a recuar. A chamma d'esta insurreição ha muito que ardia escondida nas cinzas de Verona, e não admira que uma faisca, mais alta, bastasse para o incendio se ateiar. Graças ao Altissimo, foi maior o estrepito, do que o damno. Comprimido, apenas rebentou, o fogo não pôde extender-se, ¡nem valeu o susto que nos causou! A Providencia vela por nós, e a victoria...

SCENA II

Os mesmos, Yago

Moncenigo.—¡Bem vindo, Yago! Esperavamos impacientes o fiel amigo de Othello. O vosso general

acaba de salvar Veneza. ¿Quem melhor do que vós saberá contar as suas proezas?

Yago. — O meu pezar é não as terdes presenciado. Os inimigos já transpunham as portas, quando Othello lhes saiu ao encontro, e só os deteve. A sua voz e o seu braço infundiram animo nos mais covardes; cidadãos e soldados acudiram com denodo e parecia que a alma de um só guerreiro os inspirava. ¡O mouro precedia-nos! O ardor da peleja illuminava-lhe o rosto; e, certos de vencer, os nossos seguiram-lhe o exemplo. O seu valor subjugou a fortuna. Os rebeldes desistiram do assalto, e acolheram-se a logar seguro. E' d'ahi que ainda repellem o impeto das nossas armas... ¡por pouco! Depressa terão de abater as espadas, invocando a misericordia do Senado... Volto ao campo. ¡A lucta póde renovar-se!... (*Sáe*).

SCENA III

Os mesmos, menos Yago

Moncenigo.—¡Acabaes de ouvir!... ¡Passou a maior tormenta! Para estes lances é que são os grandes homens. Othello...

SCENA IV

Os mesmos, Brabancio

Moncenigo.—(*A Brabancio*) Chegaes a tempo. ¡O Estado triumpha! Mas sempre carecemos da vossa sabedoria, no conselho. Os rebeldes vão depôr as armas, e...

Brabancio.—¡Eu é que preciso da justiça de Veneza! ¡Os deveres do governo, e os perigos da patria não

me trouxeram hoje aqui!...Outros cuidados me cortam o coração. Minha filha...

Moncenigo.—¡ Falae!

Brabancio.—Minha filha...

Moncenigo.—¿ Choraes?... ¿ E' a sua perda?

Brabancio.—¡ Antes fosse! Um seductor arrebatou-a dos meus braços. Unidos em casamento clandestino fugiram ambos...Sou pae e sou velho; ¡ choro a desgraça da filha, que amei, e a vergonha do meu nome ..deshonrado!

Moncenigo.—¡ Com motivo, Brabancio! Quem quer que seja o culpado não escapará á justiça do Senado. O braço das leis desde já o ameaça. ¿ O nome d'elle?

SCENA V

Moncenigo, Brabancio, Senadores, numerosos Officiaes, e Othello, que entra rapidamente.

Brabancio. — (*Apontando para Othello*) ¡Agradeço a promessa a Vossa Alteza!... ¡ O culpado alli o tendes! (*Espanto geral*).

Alguns Senadores.—(*Levantando-se*) ¿ Othello?... ¿O mouro?

Brabancio.—¡Sim! (*Para Othello*) ¡Possa trespassar-te cedo uma dôr egual á que me causas! (*Para o Doge)* Nobre Moncenigo, antes de castigar o traidor, que me illudiu pondo a mascara de falso amigo...antes de punir um ingrato, que só pizou a minha morada para a cobrir de infamia, permitti que Desdemona seja chamada. ¡Está perto!... ¡Era uma donzella timida, o rubor do pejo tingia-lhe as faces ao mais leve dito; e ainda me custa a crer que me enganasse, ¡que uma filha escarnecesse da velhice de seu pae! ¡ Sem algum encanto a minha Desdemona não o fazia!

Othello.—(*Severo e digno*) O meu desejo é egual. Mandae-a comparecer, escutae-a, e seu pae decidirá. Se ella me accusar, entrego-me á vingança de Brabancio.

Moncenigo.—(*A dous officiaes*) Ide, e dizei-lhe que seu pae a chama, e que a aguarda no Senado.

Othello.—(*Aos officiaes*) O meu alferes sabe onde ella está. Procurae-o para vos guiar.

Brabancio—Doge, és pae, e teu filho, virtuoso e esforçado mancebo, é a consolação e a esperança da tua velhice. Ausente e dedicado ás armas, as torpezas que nos aviltam, nem sequer as supeita na viçosa pureza da sua alma. Moncenigo, pela cabeça d'esse filho, unico esteio da tua casa, e unico representante do teu sangue, em nome dos meus annos e das minhas maguas... ¡ não deixes impune tamanha affronta!... (*Para Othello*) E tu, seductor covarde, ¿ousarás ainda responder? ¡ Dize! ¿ Que philtros lhe déste, com que encantamentos a cegaste, para a minha Desdemona baixar os olhos para ti? Recatada, sempre submissa á minha vontade, e desprezando até hoje a ternura dos mancebos mais bizarros de Veneza, ¿ que segredo te abriu o seu coração, e te sujeitou o seu affecto?...

Othello.—¡O amor!... Não procures outro.

Brabancio.—E' falso; ¡ não acrediteis, senhores!

Moncenigo.—¿Que respondes á accusação do senador Brabancio?

Othello.—Confesso a offensa, e por isso supportei em silencio as suas affrontas. (*A Brabancio*) A ira fala pela tua bôca. Fomos amigos, e ainda podes lêr no meu rosto, ¡ que a paixão, e não a perfidia, arrastou o mouro! ¡ Peza-me por ti! Mas na minha patria, o amor não conhece leis. O céu dotou-me de um coração facil nas paixões. ¿Dizes que roubei tua filha? E' verdade; porém foi para a unir á mi-

nha sorte. Desejaria ter nascido junto de vós; mas a immensidade dos desertos, e o ardor que os abraza, estão longe de Veneza; e o nome de africano não me avilta, nem a côr sombria do meu rosto afugentou nunca a victoria. Sou mouro—¡tenho orgulho de o ser! Muito tempo depois de eu não existir, ¡ainda ha-de falar-se de Othello! até agora, a gloria era o idolo, que adorava... ¡hoje vejo só o amor! ¡Que quereis! ¡Sou aspero, como as armas, e desde a edade de sete annos que não descanso de combater!... Brabancio, tornemos a ser amigos; ¡perdoae-me as offensas! Sêde meu segundo pae, ¡e abençoarei este dia de ventura! Não tenho avós para citar ao lado dos teus; mas em vez d'elles pódes contar as minhas cicatrizes. Lembra-te da nossa amisade antiga; e vê que volto de uma peleja arriscada, e que a victoria do mouro salvou o Estado. ¡A gloria tambem é nobreza!

Brabancio.—¡As feras morrem e matam! Os barbaros, de que descendes, sempre foram intrepidos. Zombaste da minha confiança, e em segredo afiaste o punhal, com que me feriste. Senadores, a nodoa que mancha a casa de Brabancio, póde amanhã cahir na vossa. Vingaes a todos, vingando a sua affronta... ¡Minha filha! ¡A luz dos meus olhos, o unico enlevo da minha alma, seduzida por um traidor!... ¡E' a recompensa de o ter acolhido como amigo!

Moncenigo.—¡Othello, ouviste! Brabancio accusa-te de traição... ¿Enganaste sua filha? ¿De que meios te serviste para conseguir o affecto de Desdemona? As nossas leis são rigorosas, e prometti fazer justiça, ¡embora o castigo recaia sobre meu proprio filho!

Othello. — (*Saudando respeitoso*) Magnifico Senado, reservae para os criminosos o rigor das leis. O

que fiz já o disse. Nos campos aonde me criei não se aprendem palavras brandas, para attrahir os homens. A historia do meu amor é curta e simples. Ouvi-a; e dir-me-heis depois, se foram philtros e encantos, os que me alcançaram a ternura de Desdemona.

Moncenigo. — ¡Falae!

Othello. — Seu pae, então, era meu amigo, e recebia-me em sua casa. Muitas vezes lhe contei a minha vida, narrando-lhe as pelejas e os perigos, que penou a minha dolorosa infancia, e os naufragios, luctas, e trabalhos da minha mocidade. Ao lado de Brabancio era-me doce recordar os crueis trances, e os momentos de suprema agonia, em que a morte, passando, nos lança uma sombra sobre o rosto. Descrevi-lhe as amarguras do captiveiro em poder de inimigos barbaros, e como depois, vendido e resgatado, me aventurei, só, a atravessar as vastas solidões de areia, mais ermas e tristes ainda, que a immensidade das aguas. As furias e caprichos do mar, os antros e rodeios da terra, a mudez dos desertos, e as cabeças toucadas de neve, que as serras escondem no céu... ¡tudo lhe pintei!.. Quando conversavamos, Desdemona vinha assentar-se no meio de nós, e, cheia de melancolia, attendia-me silenciosa e com a fronte inclinada... Se tinha de ausentar-se por um momento, pouco se demorava; e parecia escutar-me, não com os ouvidos, mas com a alma... Uma vez encontrei-a só, e pediu-me que tornasse a repetir-lhe a historia dos meus infortunios... Emquanto eu falava não cessaram os seus olhos de chorar; e quando acabei, levantando a vista ao céu, e não podendo conter-se, exclamou: ¡Carregado de ferros e escravo! ¡E ninguem vos consolava! ¡Se qualquer guerreiro um dia me decla-

rar o seu amor, dizei-lhe que o caminho do meu coração só estará aberto para quem tiver padecido o que vós soffrestes! A pallidez da magua avivava-lhe a formosura, e os seus olhos ainda diziam mais do que os labios. As lagrimas, que vi n'elles, soltaram as minhas, e de joelhos, e alli mesmo, juramos a ternura, que nos une. Fui amado de Desdemona pelos meus infortunios... e eu adorei-a pela sua piedade. ¡Mas ahi vem ella! ¡Interrogae-a! O seu coração dirá o resto.

SCENA VI

Moncenigo, Senadores, Brabancio, Desdemona, Othello, Hermancia, e varios Officiaes

(*Desdemona entra acompanhada pelos dous officiaes que a foram procurar*).

Moncenigo. — Entrae sem receio. ¡Estaes debaixo da protecção do Senado de Veneza!

Brabancio. — ¿O que te assusta? Se és innocente, ¿porque baixas os olhos, e escondes o rosto? ¡A virtude nunca teve medo de apparecer!

Desdemona. — (*A Hermancia*) ¡Foge-me a vista! ¡Sinto-me desfallecer!

Brabancio. — (*A Hermancia*) Serviste-lhe de segunda mãe, Hermancia; confiei de vós a pureza dos seus pensamentos, e a innocencia do seu coração... ¿qual é a conta que me daes d'ellas?... Bem se vê, que não fostes rigorosa... ¡Minha filha deve ser-vos grata! (*Ironico*).

Desdemona. — (*A Hermancia*) ¡Aquellas palavras cortam!

Brabancio.—(*A parte*) ¡Refrearei a ira!... ¡Quero exgotar todas as amarguras! (*Alto*) ¡Fala! ¿Othel-

lo é teu esposo? ¿Estás unida ao mouro? ¡Dize! ¿A qual de nós devias tu obediencia?

Desdemona. — (*A' parte*) ¿Como lhe hei de responder?(*Alto*) ¡Meu pae!... Devo a Othello fidelidade e ternura. ¡Elle nunca teve esperança!... Temeu sempre que este amor passasse por um crime aos vossos olhos. Mas eu amava-o, e não podia viver sem elle. Veneza inteira acclama o seu nome, e vós mesmo (¡recordae-vos!) ¿quantas vezes exaltastes deante de mim a sua gloria? Depois, os seus infortunios tocaram-me no coração: pouco a pouco foi-se gravando n'elle a sua imagem; e quando quiz arrancal-a, ¡já era tarde! ¿Como podia eu ouvil-o tantas vezes, pintando os perigos da sua infancia, e os trabalhos da sua mocidade, sem o escutar com a alma... sem ter nos ouvidos a sua voz, ou a saudade d'ella — na ausencia?... Pelo seu valor é egual aos maiores. A nobreza de nossos avós, como a sua, foi escripta no livro d'ouro pela victoria... ¿Porque o desprezaes? ¿Não o estima o Senado? ¿Não o applaude o povo? Veneza, que elle acaba de salvar, que póde defender amanhã ainda, ¿não o estima? ¡Meu pae!... Este erro nasceu do amor... abençoae-nos, ¡e perdoae! (*Quer deitar-se de joelhos aos seus pés*).

Brabancio.—(*Repellindo-a*) ¡Já não tenho filha! A que amei... ¡morreu no dia, em que deshonrou a velhice de seu pae!—Podeis erguer-vos.

Moncenigo. — Depois do que ouvi, se minha filha amasse o mouro, juro-vos, Brabancio, ¡que perdoava!

Brabancio. —¡Tratemos dos perigos do Estado, senhor! ¡Eis o que são os filhos! (*A Othello*) Mouro, se dependesse de mim, Desdemona não seria tua. Depois de tão grande opprobrio, a consolação, que me resta, ¡é não ter mais filhos!

Moncenigo.—¡A sua offensa merece perdão!... Vamos, Brabancio, o coração de um pae não póde ser de marmore. As suas lagrimas commovem até os estranhos... ¡Enchugae-as!

Brabancio. — E a nodoa indelevel do meu nome, ¿quem a lava?... ¡Falemos de outra cousa! Se os infieis vos tomassem Chypre, ¿o que dirieis? Se os rebeldes vos colhessem á traição no paço, ou no Senado, ¿louvarieis a façanha?... ¡Os animos altivos não se dobram a supplicas mais pezadas, que a dôr!... ¡Pedi justiça! Promettestes um desaggravo, publico e solemne, como a injuria. ¿Quebraes a vossa fé? ¿O nome do culpado faz calar as leis?... Deixae então sangrar a minha ferida; ¡não ha balsamo na terra, que a feche!

Moncenigo.—Estaes severo de mais, ¡Brabancio! ¿O que desejaes de nós?

Brabancio.—¡Que se cumpra a lei! (*Apontando para Othello*) ¡Que o prendam!

Moncenigo. — ¿Coberto de gloria? ¿Victorioso?

Brabancio. — A gloria não apaga o crime. ¡Punis o delicto!

Moncenigo. — O Senado resolverá, se depois de tamanha victoria...

Brabancio. — (*Atalhando-o*) As victorias nunca serviram de refugio aos criminosos...

Moncenigo. — Brabancio, ¡vêde perante quem falaes! Cega-vos a paixão. ¡Estaes no Senado, e na presença do Doge! ¿Ousaes intimar-nos vinganças como ordens?

Brabancio. — (*Ironico*) ¡Não! Já me esquecia, que em Veneza é costume antigo passar o interesse primeiro, ¡e a justiça depois!

Moncenigo. —(*Erguendo-se severo*) ¿¡Falaes do Estado!? ¿¡De nós?!

Brabancio. — ¡Leio nos vossos olhos o perdão do

mouro! Sois sempre os mesmos... ¡esquecidos e ingratos! Estou velho — de pouco, ou de nada posso servir; por isso me preferis Othello. Que fique sobre os meus cabellos brancos a affronta impune, ¿que importa? ¿Deixaes-me só? ¡Embora! ¡Só me vingarei!

Moncenigo.—¡Brabancio, não continueis! ¡O Estado tem os braços longos, e não soffre que ninguem levante a cabeça acima d'elle! ¡O orgulho perde-vos! Falar de Veneza como falastes, é mais que injuria, ¡chega a ser crime!

Brabancio. — (*A sua filha*) Ainda é tempo. Se desejas tornar a ter pae, ¡escolhe! Qual de nós segues: — este — (*aponta para Othello*) ¿ou eu?

Desdemona. — Meu pae, ¡jurei ser de Othello em quanto viver!

Brabancio. — Basta. De hoje em deante apago o teu nome do meu coração, como desejaria que o meu sangue não se deshonrasse nas tuas veias. Vae ser escrava do mouro —¡esquece por elle, pae, avós, e deveres!... Não te conheço mais; ¡deixaste de existir para mim!

Desdemona. — (*Desfallecendo nos braços de Hermancia*) ¡Oh! meu pae, ¡matae-me antes!

Moncenigo. — Brabancio, ¡escuta-me!

Brabancio. — Doge de Veneza, ¡não te esqueças de acompanhar o mouro victorioso! (*Mudando de tom*) Não tenho que ouvir. ¡De hoje em deante a offensa e o desaggravo ficam em silencio entre Deus e mim! (*A Othello*) ¡Enganaste-me! ¡Queira o céu que o mesmo te succeda! ¡Possa a traição, mentindo como tu, cegar-te a vista, e envenenar-te a vida! Possas, illudido e rodeado de trevas, seguir tambem o erro até ao abysmo, e não veres a verdade, ¡senão quando a victima e o crime te accusarem do tumulo!... (*A Desdemona*) E tu,

que foste meu sangue, filha desamoravel e ingrata, fica certa de que n'esse amor terás o teu verdugo. Leio nos olhos do mouro a sorte que te espera (*Indica Othello*) Esse diadema de diamantes, prenda do seu affecto, (*aponta para a fronte de Desdemona*) é uma corôa de espinhos, ¡que tu mesma cravaste na cabeça!... ¡Deixa correr o tempo, e Othello me vingará! (*Para Othello*) ¡Segue-a de perto! ¡Véla sem descanço! A filha que illudiu seu pae, depois de esposa, é capaz de te enganar a ti. São as minhas ultimas palavras. ¡Não as esqueças! (*Sáe*).

SCENA VII

Moncenigo, Senadores, Othello, Desdemona, e Hermancia

Desdemona. — ¡Eu enganal-o!... ¡Oh, meu pae!...

Moncenigo. — Foi a ira que falou. Quando ella se desvanecer, o seu coração ha-de abrandar-se, e ouvir a voz do sangue. Othello, a vossa gloria e as palavras que proferistes, hão-de calar no seu animo, e vencer. Consolae Desdemona. A colera de seu pae deixou-a prostrada... Mas lembrae-vos, tambem, de que Veneza tem inimigos. A vossa presença vale um exercito.

Othello. — A ira de Brabancio é justa, nobre Doge. Esperava-a, ¡e resigno-me! Mas passado o primeiro impeto ¿acalmal-a-hão as vossas palavras, e o tempo? ¡Nas vossas mãos entrego tudo! Sou guerreiro, e não sei artificios. ¿Mandaes-me combater? Obedeço. Em terra, ou no mar, ¡bem vindos sejam os perigos! ¡Nas pelejas sinto que me arde nas veias o sangue da juventude! Desde creança o meu recreio e o meu descanço foram só as ar-

mas; por isso, o meu coração, apenas o amor o tentou, se rendeu logo. Não seduzi Desdemona, ¡na presença de Deus o juro! ¡Amei a! Se me repellisse... morreria aos seus pés sem me queixar.

Moncenigo. — ¡E assim é que uma grande alma póde seduzir! Os formosos olhos de Desdemona captivaram-vos; mas a gloria do vosso nome devia attrahil-a tambem. Sêde fiel ao Estado. Amparae-o com a vossa espada, e contae que as victorias dão tanta nobreza ao soldado, como o lustre de muitos avós, e de antigas linhagens. *(Sahem todos menos Othello e Desdemona).*

SCENA VIII

Othello e Desdemona

Desdemona. — ¿Viste o rigor de meu pae? As suas ultimas palavras trespassaram-me... ¡Sobre tudo aquelle rosto, e aquelles olhos! ¿Crês que venha a perdoar-nos?... ¡Amou-nos tanto!

Othello. — Tenho esperanças. A sua alma é generosa, e confio n'ella. ¡Socega! Quem nos ameaça é o orgulho offendido; demos-lhe tempo, ¡e a ternura voltará! A nossa fortuna quiz que elle se enganasse, julgando-me teu esposo. Sem isso, travando-te da mão, que é livre, ¡ainda podia arrastar-te para longe!... ¡Não imaginas o que padeci por alguns momentos!... ¡Parecia que me estalava o peito!... Veneza, com a voz do susto, chamou o mouro, quando ia unir a tua sorte á minha, e consagrar-te a minha vida... Acudi ás armas primeiro. Agora é tempo de santificar na presença de Deus a paixão, que acabamos de confessar deante dos homens. ¿Crês nas minhas palavras? ¿Não receias que o amor de Othello seja como a chamma, e te abraze?

Desdemona. — Não tenho mais luz que a dos teus olhos. O teu affecto é a minha alegria... Tira-me do peito um peso, que o esmaga. Dize: aquellas palavras de meu pae, tão frias, ¿penetraram no teu animo? ¿A suspeita—o ciume, que elle invocou na sua ira, entrou com ellas no teu espirito?

Othello. — Não. ¡O dia, em que Othello duvidar, será o seu derradeiro dia!

Desdemona. — E tambem o meu.

Othello.—*(Pegando-lhe na mão)*. ¡Escuta! O jubilo que, n'este momento, transborda do meu peito, a ti o devo. Muitas vezes vi crescer o mar, a tempestade estalou sobre a minha galé, e os céus abertos apagaram o clarão dos relampagos no rolo das vagas; e, apezar de affeito aos perigos, saudei a bonança, achando o sol mais esplendido, e o dia mais risonho, ¡quando os ultimos bramidos me diziam que a tormenta ia longe!... O teu amor é a doce paz, por que me suspirava a alma, depois de tantos infortunios. E' tão grande a minha felicidade, agora, que não me cabe já no peito, e se fôsse rei, sinto que o maior inimigo se levantaria perdoado... ¿Queres que diga tudo? Uma alegria assim não é do mundo. Talvez eu devesse morrer aqui—¡lendo nos teus olhos o infinito do amor! ¿Quem sabe os futuros? Quando a esperança não tem mais que desejar, a vida assusta. *(Ouve-se fóra uma trombeta)*.

Desdemona. — E' o signal. ¡Tão cedo!

Othello. — O Estado não espera. Devo obedecer. Hoje a gloria não é só minha. ¡Quero que Veneza, a soberba, admire na fronte da esposa do mouro um diadema de victorias!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O theatro representa uma sala no palacio de Othello

SCENA I

Desdemona e Hermancia

Desdemona.—Estamos no palacio de Othello, e assim mesmo ainda se não enxugaram os meus olhos. ¡Parece que se me arromba o peito! Oh, se visse juntos, aqui, meu pae e meu esposo, ¡amigos e affectuosos, como d'antes!

Hermancia. — Animo, minha senhora, ¡ainda haveis de vel-os!... O que eu desejava é que se não demorasse o vosso enlace, e, sobre tudo, que ninguem o suspeitasse. Em Veneza todos julgam que sois casados.

Desdemona. — E Othello não cessa de instar por esse dia, que me assusta, não sei porque. Ouve, Hermancia, sempre tens sido minha mãe no amor... A ternura, com que te estremeço, bebi-a com o teu leite; e quando o coração, de tremulo, já não póde com os cuidados, nos teus braços é que desaffoga, porque te vê chorar quasi as suas lagrimas, ¡porque gemes as mesmas dôres!... Oh, ¡se tu soubesses!...

Hermancia.—Dizei-me tudo. ¿O que vos assusta?

Desdemona. — Olha, ama, desde creança, os teus carinhos eram o meu abrigo.

Hermancia. — E' que os primeiros braços, que tu conheceste, filha, foram os meus.

Desdemona. — E' verdade. ¡Nasci desgraçada! Minha mãe expirou deixando-me de tenra edade. Minha irmã não a cheguei a conhecer. E meu pae... nega-me o doce nome de filha... repelle-me como indigna do seu affecto.

Hermancia. — Consolae-vos, os rigores hão de acabar. — O tempo vence tudo.

Desdemona (*suspirando*). — O abysmo, em que vim cair, só hoje o sei olhar, querida Hermancia.

Hermancia.—¡Tendes a gloria de Othello para o cobrir!...

Desdemona. — ¡Não sabes, essa gloria é o meu tormento! Não ouviste que elle ha de partir de Veneza, ¡que vae expôr-se a grandes perigos, em longas terras, entre inimigos barbaros!

Hermancia. — Está costumado a vencel-os. Voltará triumphante, como sempre.

Desdemona. São tão grandes os perigos do mar!... ¡Quem me assegura que elle escape das tormentas, dos naufragios?

Hermancia. — O auxilio de Deus, ¡que o salvará! .. ¿Mas que inquietações são essas? ¡Parece que inventaes os cuidados de proposito!

Desdemona. —¡São receios que nascem do amor!... Tudo hoje, para mim é escuro e triste; ¡a alma não póde socegar!... Dize. ¿crês, que minha mãe se fosse viva seria a meu favor? ¿Julgas que abrandaria meu pae com as suas supplicas?

Hermancia.— ¡E' de suppor!... E se ella o não conseguisse, ninguem mais.

Desdemona.—¡Triste mãe!... Estavas ausente, Hermancia, quando a perdi...

Hermancia.—Tinha acudido a consolar os ultimos instantes de meu pae, e ainda cheguei a tempo de receber a sua derradeira benção. Vi-o acabar nos meus braços, e, coberta de luto, quando voltei, ¡achei-vos orphã tambem!... ¡Nunca falámos d'esse golpe! Sei o que elle doe... Não me contastes ainda a maior tristeza da vossa infancia...

Desdemona.—E' que mesmo hoje falta-me o animo para avivar tantas saudades... Nunca as senti, como agora, assim pungentes...

Hermancia.—Deixae correr os prantos livremente. As lagrimas consolam...

Desdemona.—Na alegria dos meus annos de infancia, a morte de minha mãe foi uma nuvem que nunca se me levantou de cima do coração. Aquelle extremoso affecto, que tão cedo perdi, apagou o riso dos meus labios, e desde então nunca mais gosei de uma hora de verdadeiro jubilo... ¡Querida mãe! Vi as tuas faces cada vez mais pallidas, a tua vista a cada instante mais amargurada, e não percebia que olhavas para a sepultura, ¡contando os passos que te separavam d'ella!... ¡Ainda me recordo!... Quando a alma estava quasi a despedir se da terra, e do que mais amava d'ella, parece que lia no futuro o que me esperava. Com os olhos banhados de lagrimas, e apertando-me contra o peito, exclamava entre gemidos: «Filha, melhor te fôra descançar commigo! ¡Serias menos desditosa assim!...» Depois, como se visse um punhal erguido sobre mim, escondia-me o rosto no seio, e cingindo-me nos braços tremulos, e sem força, ¡mostrava defender-me de um perigo invisivel!... Até exhalar a vida, a sua voz, sumin-

do-se, não cessou de balbuciar: «¡Filha! ¡filha! ¡morrendo eras mais feliz!»

Hermancia. — Esquecei esses terrores... Eram visões da enfermidade...

Desdemona. — ¡Não! Diz-me um presentimento, que minha mãe viu o futuro, e leu n'elle a minha sorte. Esta paixão... sinto... que será a minha morte.

Hermancia.—¡Que agouros! ¿Perdestes a confiança em Deus?

Desdemona. — Desde que nasci, fugiu a ventura de mim. Minha mãe perdi-a, quando a sua ternura me era mais doce. Meu pae... tirou-m'o o amor de Othello... Só tu me restas no mundo, Hermancia. ¡Não me desampares!

Hermancia. — ¡¿Desamparar-vos?! Não vos dei a vida, mas no amor sou vossa mãe. Sempre pedi a Deus que me castigasse pelas vossas culpas. Estou prompta, offereço-me a padecer por ellas, ¡se é erro amar assim!... ¿De que vos sobresaltaes?... Othello é o braço da patria. Vencedor na Asia e em Veneza, o seu nome tornou-se nobre como os mais antigos na geração... O orgulho de vosso pae não é a voz de Deus, e não o castigue elle por fechar cegamente os olhos, ¡e calcar aos pés as feições de sua filha!... O meu coração tambem me fala, e não me engana. Querida Desdemona, ainda haveis de ser feliz... Tende fé.

SCENA II

As mesmas e um Pagem

Pagem. — Senhora, está alli um desconhecido, e pede com instancia, que o deixeis entrar. Quer

falar-vos por força, e diz que não se levantará de onde espera, se o não ouvirdes.

Desdemona. — ¿Quem é?... ¿O seu nome?...

Pagem. — A ninguem o disse, e responde que só deante de vós...

Desdemona. — ¿E' enfermo?... ¿Velho talvez?

Pagem. — Não, senhora. Moço mostra ser, mas nunca vi signaes de tão profunda magua.

Desdemona. — (*Depois de reflectir um pouco*). ¡Pois que entre o desconhecido!... Mandae-o entrar. (*O Pagem sahe. — Para Hermancia*). Verei o que deseja. ¿O que me quererá elle?... Ouvil-o-hei. (*Hermancia sahe, apenas entra Loredano, acompanhado pelo pagem, que se retira logo*).

SCENA III

Desdemona e Loredano

Desdemona. — Cedi ás vossas instancias... Sois desgraçado, dissestes, ¿e desejaes falar-me? Estou prompta a ouvir-vos. ¡Podeis abrir o coração!... Por experiencia conheço a dôr. ¿Posso valer-vos? Se dependesse de mim, sahirieis d'aqui, não direi feliz, mas ao menos com as maguas minoradas.

Loredano. — A formosura, senhora, não mentiu, ¡quando vos deu o rosto de um anjo! Não tem remedio a pena que me traz aos vossos pés. Até a esperança, unico asylo dos desditosos, ¡fugiu de mim para sempre!... Sou tão desditoso, que a vossa piedade mesmo aggrava as minhas dôres.

Desdemona. — ¿Póde saber-se a causa d'ellas? Se estivesse na minha mão remedial-as. Falae sem receio.

Loredano. — Em horas de tumulto e sobresalto,

constou-me que Veneza era ameaçada, e voei a tomar o meu posto nas fileiras dos seus defensores. Tendo de morrer, queria acabar, ¡combatendo pela patria! Quando cheguei, tinha a lucta terminado; os insurgidos depunham as armas; e o Senado concedia-lhes o perdão... ¡Vim tarde! Como sempre, atraiçoou-me a sorte. Mas soube, ao mesmo tempo, que Veneza medita uma empreza, e que as suas galés se estão armando. Othello é o general da armada, e assegura-se, que os nossos mais intrepidos guerreiros o hão-de acompanhar... ¡Quantos cobiçam a gloria, desejam alistar-se, e servir com elle!... Mais do que ninguem procuro os perigos, e apeteço a morte honrosa... ¿Poderei obter logar entre os seus, como simples soldado? ¿Merecerei da vossa piedade uma palavra que decida o general a acolher-me?

Desdemona.—¡Fazeis-me estremecer! ¡¿Quereis desterrar-vos, e pedis-me que interceda para vos tornar mais facil o sacrificio?!... ¿Não haverá outro meio? .. ¿A guerra, e os trances da peleja é que vos podem consolar?... ¿Para que desejaes partir na armada?

Loredano. — (*Firme e triste*). Já vol-o disse, senhora, ¡para morrer!

Desdemona.—¿Estaes decidido? ¿Não será possivel dissuadir-vos d'esse funesto desejo?

Loredano. — (*Sombrio*). A morte é o descanço; ¡já não posso com a vida!

Desdemona. — ¡¿Desanimaes bem moço, logo aos primeiros assaltos do infortunio?!

Loredano. — A dôr não se mede pela edade. ¡Nos meus annos já tenho exgotado todas as amarguras!

Desdemona. — ¡Como eu!... E' verdade, por experiencia o conheço, aquelles que a desventura cha-

ma seus, desde o berço aprendem a padecer...
¿Sabeis quem sou, e o que tenho soffrido?

Loredano. — Sei que as vossas lagrimas ainda regam as cinzas de uma extremosa mãe, e que os vossos dias, tristes e desconsolados, procuram — ¡talvez debalde! — no amor, ¡a esperança de mais feliz destino!... ¡Por isso vos busquei!

Desdemona. — (*A' parte*) ¡Todos o sabem! (*Alto*) ¡Não cuidei que os segredos do meu coração corressem pela bocca de Veneza! ¿E o que se diz... da paixão de Othello?... ¿Da minha?...

Loredano. — Lastimam-vos, e compadecem-se todos da ternura de duas almas, que o affecto parece unir... Mas, em particular, ha quem receie, que vosso pae, desvairado...

Desdemona. — ¡Depressa, acabae!...

Loredano. — ¡Não levante contra si os rigores do Estado!

Desdemona. — ¡Meu Deus!

Loredano. — A sua indole violenta assusta ainda os mais prudentes. N'este momento, mesmo, ¿quem sabe se elle se estará expondo á morte?...

Desdemona. — ¿A' morte?... ¿Meu pae?... As nossas leis são inexoraveis, e elle na sua colera, tem ousadia bastante para as affrontar ¡passando por uma d'ellas! Se o fizer, a ruina é infallivel. Senhor, agora sou eu que o supplico. Sois sensivel. Ha pouco dissestes que vos commovia a ternura de duas almas que a paixão uniu... A voz do sangue não brada menos forte. Se o amor já vos tocou no coração... ¡haveis de enternecer-vos! ¡Salvae meu pae, salvae-o! E' dar-me a vida a mim — e por essa nobre acção, todas as horas pedirei a Deus ¡que vos console, e vos conforte! Foi o céu, que vos trouxe para acudir á filha e ao pae. ¡Não vos demoreis! ¡Um momento póde perder-nos!

Suffocam-se-me as palavras, mas as minhas lagrimas pedem-vos que o salveis, ¡que me livreis do eterno remorso de ser causa da sua morte! .. ¿Quereis, que vos fale, que vos supplique de joelhos?...

Loredano. — ¿De joelhos, vós, senhora? ¿O anjo aos pés do peccador? ¿Julgaes, que esses prantos eram precisos para eu sentir, como se fossem minhas as vossas maguas? ¡Vós é que me reanimaes, Desdemona!... ¡Agora já desejo viver! ¡a maior desesperação surgiu para mim a esperança! Salvando Brabancio, parece-me que é meu pae que salvo... Seguirei os seus passos. ¡velarei por elle, mais do que por mim proprio! ¡Socegae!

SCENA IV

Desdemona, Loredano, Othello e Yago

(*N'este momento Othello e Yago apparecem ao fundo, e descobrem de longe a Loredano. Contemplam-o attentamente, e a Desdemona: mas, como se suppõem, que observam de grande distancia, entende-se que não lhe podem ver as feições, e conhecel-o*).

Loredano. — (*Continuando*) Cedo voltarei. ¡Tende esperança!

Desdemona. — ¡Até vos tornar a ver, os meus cuidados não acabam!

Loredano. — Tende animo.

Desdemona. — ¡Voltae depressa!

(*Loredano e Desdemona saem, cada qual por seu lado do theatro. Othello segue os com os olhos, até os perder de vista. Yago faz o mesmo*).

SCENA V

Othello e Yago

(*Othello indica Loredano que sae*)

Othello. — ¿Quem é aquelle homem?

Yago. — Não pude conhecer-lhe as feições, assim de longe. Mas, pelo ar, diria ser moço e gentil.

Othello. — (*A' parte*) ¡Moço¡ (*Alto*) ¿O que o trouxe aqui?... Yago. ¿Sabes quem é?

Yago. — Não o conheço.

Othello. — Mas, dize-me, não te pareceu, assim de longe, ¡que dava mostras de profundamente magoado!... Supporia até que vi lagrimas nos seus olhos.

Yago. — Desdemona póde esclarecer-vos... ¡Chamae-a!

Othello.—¡Não me receio dos seus prantos! ¿Que eu chame Desdemona e a interrogue? ¡N'aquella formosa alma uma palavra assusta o pejo! Nobre e pura, não posso crer que a sombra de uma suspeita pouse sobre ella, e a offusque, mesmo por instantes. Amo-a... ¡Adoro-a! ¿Chamar Desdemona?! ¿Interrogal-a?! Era duvidar da sua innocencia... ¡Admittir a desconfiança! Yago, ¡conheces-me! Filho das minhas obras, acostumei-me a dormir no regaço da fortuna, e acordar nos braços da gloria. Nunca tinha experimentado o amor, e o coração, isento e livre, só pulsava com força, ouvindo nos campos os clarins resoando com brava alegria, e escutando as acclamações da victoria. ¡Hoje não! ¡Sinto que a alma mudou de ser! Desde que amo, ¡parece-me que vivo de outra vida!... Quando ella me contempla com o seu mavioso olhar,

quando o riso desabotoa os seus labios... ¡Não sei que transportes me assaltam, e que poder me subjuga! Yago, ¡vê o que é a paixão! ¿Pasmas? ¡¿Não podes acreditar que te diga isto aquelle Othello, que descançava de uma peleja nas fadigas de outra?! ¡Que queres! ¡O coração é assim! O teu não conheceu nunca o amor, por isso ignora que fogo accende essa chamma, que ao mesmo tempo consola e doe. ¡Talvez vivas mais ditoso assim! Vamos de novo cingir a espada e arvorar os nossos estandartes na poppa das galés de Veneza. ¡Mais uma lucta contra os infieis! Diz-me a esperança que os triumphos hão-de ser grandes. ¿Julgas de Brabancio, que ha-de abrandar-se, vendo-me vencedor? ¿Crês que, cedendo á sua ternura, perdoará á filha o innocente erro do seu amor?...

Yago. — ¡Não! O coração d'estes nobres é surdo e frio. Unidos contra nós, pedem-nos o sangue em tributo, e servem-se dos nossos braços para reinar. ¿O que fizeram das liberdades, cujas apparencias fingem conservar? ¡Escravidão para nós, poder e opulencia para elles! O povo exalta o teu valor, e applaude as tuas proezas, mas os senhores sorriem-se entre si, e olham-te como um soldado plebeu, ¡como um simples valido da fortuna!

Othello. — ¡E soldado sou! Com orgulho me chamo tal. Os seus desprezos não me ferem. Vi-os tremer, e quando elles enfiavam, e se faziam pequenos deante do perigo, ¡erguia-me eu rosto a rosto com a morte! ¡Que se unam e se liguem! Pouco importa. ¡Adorem embora os seus brazões!... Vivem d'isso, ¡e não lhes invejo a soberba! A gloria, que herdaram, acaba n'elles; a minha ganhei-a eu. Filho do deserto, como o leão, vou só, e livre, ¡imprimindo os vestigios da minha força em cada passo! ¡Que se riam do soldado plebeu, do valido da fortuna!...

em quanto a guerra os não desperta... Eu me rirei d'elles na hora das angustias, vendo-os humildes e tremulos a lerem nos meus olhos a sua sorte, ¡e a fiarem da minha lança a derradeira esperança!... Mas Brabancio não era assim. Fui seu amigo, e conheço-o. O orgulho deslumbra o; quando acalmar espero que ainda terei um pae...

Yago.—¡Esperança vã! ¡Primeiro vereis o rosto dos tres Inquisidores do Estado!

Othello.—Querido Yago, os instantes são preciosos. E' o dia do meu casamento, o dia de maior ventura para Othello. ¡E apesar d'isso, daria tudo, por ver Brabancio ao meu lado, sereno e satisfeito! E' pae, é velho... e custa-me a trespassar o seu coração. Por minha causa pode arriscar-se, e se o fizer está perdido. No seio dos prazeres e das festas, Veneza não dorme. Os seus olhos nunca se fecham, os seus ouvidos nunca deixam de escutar. Tenebroso nos seus caminhos, o poder que a rege, segue-nos sempre silencioso, e como coberto com a mascara. O ferro sempre anda apertado nas mãos. Sentença, castigo e victima, tudo se esconde nas trevas. Apenas uma palavra salta da bôcca logo cae no ouvido dos espiões. Os presos gemem nas entranhas da terra; e a sua voz nunca chega a ser ouvida. O homem cáe, a lei condemna-o, e seu pae, ou seu filho, ¡nem sequer imagina o seu perigo!... A morte fere sem ruido, e o sangue corre sem se ver. Apenas a suspeita despontou, o verdugo alça o braço... Brabancio fez ameaças ao Senado, e desde então ha de certo uma sombra que lhe acompanha os passos, e um perigo suspenso sobre a sua cabeça. ¡E' o meu temor e o meu cuidado!

Yago.—¿E por esse esquece-vos outro maior, e mais proximo?

Othello. — ¿Qual?

Yago. — ¿Não vos lembraes, de que o amor tudo é capaz de tentar em Veneza? ¿Que a perfidia traja as côres da innocencia, e que o vicio finge o rubor do pejo?

Othello. — ¿Que queres dizer?

Yago. — Que Desdemona ainda não é vossa esposa. Apressae o casamento.

Othello. — ¡Desconfias!...

Yago. — Não. Duvido. O mal é certo.

Othello. — ¡Yago!... O affecto, que nos une, estreitou-se nos campos de batalha, e o sangue de ambos, derramado pelos mesmos inimigos, consagrou-o. Amo Desdemona, vou ser seu marido... ¡para mim duvidar era morrer!... Yago, ¡que não torne essa palavra a sahir da tua bocca!... (*Sahe*).

SCENA VI

Yago (*Só*)

Yago.—(*Depois de um instante de pausa*). ¡Amigos! Nas pelejas sempre te encontrei, apoderando-te da gloria, e deixando-me atraz. ¿Julgas-me insensivel ao amor? ¡E' porque não sabes lêr nos olhos o incendio, que me abraza!... Vaes ser esposo de Desdemona, e chamas amigo ao homem que primeiro a amou, ¡e que te daria mil vezes a morte para te roubar a meiga ternura das suas palavras! ¡¿Cuidas que sempre assistirei com os braços cruzados aos teus triumphos, e que sempre me deixarei vencer por ti?! ¡Não! Estou cançado de soffrer e dissimular... todavia, ¡é preciso! Ajustemos ainda a mascara; ¡e pela entrada da virtude insinuarei o crime!... A esperança de me vingar de Desdemona e d'elle, suavisa a dôr. Se resistir... os ze-

los enlouquecerão Othello... Desdemona ama-o, mas o coração feminino é voluvel, e muitas vezes um sorriso abre a deshonra. ¡Aquelle mancebo que vi sahir levantando-se choroso e apaixonado, de seus pés! (*Medita momentos; depois com alegria sombria*). ¡O ciume — o ciume, ha-de entregar-me o mouro! ¡Desdemona! Não contes com a sorte. Entre ella e o amor ergue-se uma sombra —¡a vingança!

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

A mesma vista do antecedente

SCENA I

Desdemona e Hermancia

Hermancia. — ¡Acautelae-vos, senhora! Quando esse mancebo vier, que o não vejam entrar aqui. Os juizos temerarios formam-se depressa, e de um cabello se levanta uma falsidade! Eu mesma o conduzirei. Sobre tudo, que ¡Othello o não saiba!

Desdemona. — ¿Porque?... ¿Não seria melhor dizer-lhe tudo?

Hermancia. — O seu amor é grande, mas o ciume ha-de ser egual. O seu coração é facil de se abranger, e da ternura aos zelos vae muito pouco. A presença de um estranho, mancebo e gentil, podia inflammal-o; é melhor evitar do que arrepender. Não desprezeis o meu conselho. Vale mais não nos expormos ao perigo. Quantas lagrimas tem custado á innocencia um engano, e até mesmo a mais leve suspeita!

Desdemona. — E's minha segunda mãe, Hermancia; a ti me entrego. ¡Dispõe como entenderes!... ¡Meu Deus, este remorso é cruel! ¿¡Serei eu a causa da morte de meu pae!?...

Hermancia. — Socegae. Ha-de ser menos do que se diz. Eu mesma vou indagar a verdade, e ficae certa de que não a encobrirei *(Sáe)*

SCENA II

Desdemona. (*Só*). — Por mais que faça, o animo falta-me. Uma nuvem negra escurece-me o coração. ¡Tudo são tristezas e maus presentimentos! Não sei que voz occulta me diz, que as maiores desgraças começam hoje... ¡Oh, meu pae, vivi á sombra do teu amor os annos mais puros da infancia, alegrei-te com os sorrisos da innocencia, noites e dias de vigilias e de cuidados, e lia te nos olhos que eras feliz, encostando a tua velhice tremula ao affecto de tua filha!... ¡¿Porque te deixei e converti em prantos aquella serenidade tão ditosa para ambos!?... Negas-me agora o nome e ternura de pae, e amaldiçôas talvez a hora em que me abençoaste pela primeira vez, ainda reclinada no seio materno! Estás cercado de inimigos, ameaça-te a vingança d'essa deshumana justiça, que nunca dorme, e que nunca perdoa... E sou eu a causa. Foi a minha paixão quem te expoz a acabar talvez... ¡Que horror é só imaginal-o! Sinto passos. Deve ser aquelle mancebo, que se chama desafortunado, ¿mas que ainda o é menos do que eu!...

SCENA III

Desdemona e Loredano

(Hermancia acompanha Loredano, e retira-se depois de o introduzir)

Desdemona.— ¿Que noticias? ¿Daes-me esperanças? ¿Poderei socegar? ¿Meu pae?

Loredano. — Diz-se que vae procurar a alheias terras um asylo... Offendeu o Senado, desacatou o Doge, e cheio de rancor, maldiz Veneza e o governo. Ha quem assegure mesmo, que em segredo ajustou a vingança com os inimigos do Estado.

Desdemona *(Irada)*.—¡E' falso! ¡Conheço-o! Póde errar, a ira soltará pela sua bocca palavras asperas e violentas; mas vender a patria... ¡meu pae!... ¡Juro-vos que não! Meus avós salvaram Veneza, e nunca a trahiram. Brabancio descende d'elles, e é como elles. Morrerá de dôr, mas sem se aviltar. Temer da sua parte um crime, ¡seria ultrajal-o!

Loredano. — Tambem eu não acredito. Basta ouvil-o para vêr logo que a sua maior queixa é o amor de Veneza. O seu coração bom e generoso, depressa ha de ceder. As lagrimas e supplicas de sua filha hão de abrandal-o, e perdoando, o mais feliz de todos será elle. ¡Cedo vereis o fim dos vossos cuidados! Depois tendes o amor para os suavisar... Eu que vivo sem esperança, que nasci na amargura, e que existo, ¡porque até a morte foge de mim! Eu... é que nunca hei de vêr senão dias tristes, e maguas cada vez mais fundas... ¡Alcançastes-me de Othello, senhora, o que vos pedi? ¿Serei dos seus na armada, e conseguirei descançar para sempre d'esta vida que aborreço?

Desdemona — Principiei a cumprir a minha promessa, e Othello attendia-me, mas não tive animo de continuar... Suspendeu-me a compaixão dos vossos annos, e a idéa de que a dôr, se hoje parece inconsolavel, ámanhã póde desvanecer-se ou minorar, ¿Morrer? ¿Porque? ¿Não é mais nobre resistir, e confiar em Deus? ¡Vamos! ¿Prometteis-me que nunca mais pensareis em tal, que haveis de afastar esse pensamento mau?...

Loredano. -- Não sei mentir, senhora. Cada vez deseja mais a morte.

Desdemona. — Dizei-me, ¿tendes ainda pae? ¿Ama-vos?..

Loredano. — Tenho; e a sua dôr me tem suspendido o braço.

Desdemona. — E sabendo que o trespassaes, ¿não vos peza pedir a morte?

Loredano.—E' o unico remedio. Luctei commigo... resisti... mas hoje, mais do que nunca, sinto que não posso viver assim.

Desdemona. — Tende dó de seus cabellos brancos. ¿Não sabeis que a agonia do pae, achando a sua casa coberta de lucto, e vasia da ternura de seus filhos, ha de ser tamanha, que as palavras a não podem dizer?

Loredano. — No universo ha só para mim um asylo, um logar de descanso — é a sepultura. Para lá caminho. ¡Feliz, se a jornada fôr curta e a passagem rapida!

Desdemona. — ¿Porque vos escondeis de mim? Dizei-me tudo. ¿Quem sois? ¿Que nome tendes?

Loredano. Não posso responder-vos, senhora...

Desdemona. — ¿Não podeis?

Loredano. — Nunca o direi.

Desdemona. — Mas sois nobre... ¡vê se!... ¿Foi vosso pae que vos creou?

Loredano — Não. Foi um estranho.

Desdemona. — ¡Um estranho!... ¿E porque?

Loredano. — Deus me livre de accusar meu pae. Por amor é que me afastou de si. Mãos inimigas ameaçavam-me por cobiça, e se escapei foi occulto e sujeito ao ensino de um virtuoso ancião. Na minha infancia só admirei a innocencia e a felicidade que dá o amor e a obediencia filial. ¡Que saudades ainda tenho da abençoada paz d'aquelles annos,

que me voaram breves como horas! A fama das victorias de Othello resoou nos nossos campos. Envergonhei-me da indolencia, e quiz cingir a espada, e pelejar ao seu lado. Entrando em Veneza contemplei os arcos triumphaes, coroados de louros e de tropheus, e erguidos em memoria das suas proezas. ¡Que pompa nunca vista me feriu então a alma! Era o Senado saindo a recebel-o em procissão solemne; eram os templos ricamente armados, e trasbordando luz e harmonia; eram os soldados e marinheiros levantando acclamações, que a voz do povo repetia até ao mar. No meio de tantas magnificencias, modesto e singello na sua grandeza, ¡Othello mostrava ser o unico indifferente! ¡O triumphador é quem fazia menos caso do triumpho! Suspenso e arrebatado, quando mais me estava embebendo n'aquelle espectaculo divisei rapidamente a formosura deslumbrante de uma dama. ¡Não vi mais nada! Baixando-se por um instante, os seus olhos parece que me abriram o céu. Desde alli, vencido e captivo, nunca mais fui senhor da vida. Por toda a parte a seguia, e mesmo ausente, a sua imagem não me saía do coração. Nos Apeninos vi-a; via-a no radioso sol da Asia; vi-a nos desertos, e nas batalhas, foi sempre inseparavel de mim, e as lagrimas, longe de a apagarem, ¡ainda a avivavam mais! Por fim consummou-se o meu destino. Está casada. Ama e é adorada. Por isso peço e desejo a morte... Abrazo-me de ciume, e até receio que possa levar-me, a dizer-vos aqui: ¡Aquelle anjo, aquella imagem, Desdemona, sois vós!

Desdemona. — ¡Que ouço! ¿Que ousadia é esta? ¿Por me vêr infeliz cuidaes, que soffrerei affrontas?... (*Severa e fria*). Não preciso de ninguem para me fazer respeitar. ¡Sou altiva, e não chamo

senão o meu dever! ¡Que nunca mais os meus olhos vos tornem a achar aqui!... ¡Usastes mal da confiança, com que vos escutava! ... ¡Sahí! (*Faz um gesto com a mão, e volta-lhe as costas*).

SCENA IV

Os mesmos, e Brabancio

Loredano. — (*A' parte*). ¡E' Brabancio! ¡Vejamos!

Desdemona. — ¡Vós, meu pae! Que pallido e desmudado estaes!

Brabancio. — ¡Não te dê cuidado a minha pallidez!... ¡Tens a culpa de todas as minhas maguas! A velhice de teu pae não te prendeu... ¡Desamparaste-me, quando a tua affeição me era mais necessaria! ¡Nunca me dês o nome de pae! No dia em que deixaste a casa, aonde tinhas o teu berço, para assentar a deshonra e a vergonha no lar de teus avós, ¡fiquei sem filha! (*Enternecendo-se*). Mas custa a esquecer, assim, de uma vez, o maior affecto, e arrancar do nosso coração a querida imagem, que, viçosa de innocencia, ¡era d'antes a sua esperança e o seu orgulho! ¡Desdemona! ¡Os meus braços ainda pódem abrir-se. ¡Sou pae, vês ingrata! Por mais que resista, a alma foge-me para a ternura de outro tempo. És livre A tua mão não se enlaçou ainda no altar. ¿Queres seguir teu pae? Por mais que te ame, Othello não é como eu, não te creou, não colheu da tua bocca os primeiros osculos, os primeiros risos... ¡Filha, escuta-me! ¿O teu coração não te chama, e não te diz, que só na casa de teus avós encontrarás o socego e a ventura? Em nome de tua virtuosa e santa mãe... pela gloria do nosso sangue não arrisques o ulti-

me passo, ¡olha, que é o opprobrio!... Tenho tudo disposto. ¡Vem!

Desdemona. — (*Soluçando*). ¡E' tarde, meu pae!... Sahi de vossa casa como esposa de Othello, e não levantaria as faces de vergonha se tornasse a entrar n'ella deshonrada e só...

Brabancio. — ¡Ninguem te accusa! Todos se condoem do triste pae e da illudida e timida donzella, que na sua innocencia deu fé ás seducções do mouro. ¡Desdemona, nem tu sabes o que eu tenho passado desde que te perdi! Vendo te, e ouvindo-te aqui, parece que me arrebenta o coração no peito, se o não deixo desafogar... O teu semblante recorda-me as meigas feições de tua mãe e o mavioso rosto de tua irmã, que nasceu formosa, como os anjos ¡que tão cedo foi abraçar! ¡¿Porque me demorei eu no mundo, se me havia de coroar de espinhos esta amargura ao cabo dos mais cançados annos!? ¡¿Que me resta de tudo, no momento, em que os pés já frios resvalam pela sepultura, se não lagrimas, saudades e desamparo?!...

Desdemona. — Não faleis assim, meu pae, que me trespassaes a alma.

Brabancio. — Sou pae ainda, tens razão. ¡Os meus olhos banhados de pranto o estão dizendo! ¡Lembra-te da ternura, com que velei junto do teu berço, e de quando, ainda creança, fugias para mim e escondias o rosto no meu seio! ¡Que tempo, e que vida! Era a alegria e o allivio da minha velhice. Senador e cavalleiro, nos conselhos e na guerra, descansava de todos os cuidados, com a idéa de que a minha gloria, e o lustre de meu nome seria a tua herança. O amor, com que te estremecia, redobrava a minha dedicação. Vem, filha; ¡o braço de teu pae, mesmo debil, ainda pode elevar-te ás maiores grandezas! ¡Escuta-me! Es-

cuta a voz amiga de teus avós, de vinte doges, que te bradam: ¡«Não nos avilles, não nos deshonres!» Ouve-os que te dizem: «Por nossas mãos, Veneza, erguendo a fronte acima das aguas, encadeou a victoria ao estandarte das suas galés, fazendo os mares seus tributarios. ¡Quando Roma, escrava, rojava no pó, démos nós aqui asylo á liberdade moribunda!» ¡Attende á sombra maguada de tua mãe, que te vê do céu com os olhos lacrimosos! ¿Queres deixar-me sem patria e sem abrigo, desterrado de todos, e até dos meus? Uma alliança digna de nós calará as murmurações, e apagará a nodoa, que não a honra, mas o orgulho da nossa raça acaba de soffrer. ¡Desdemona, não entrarás aviltada e só na casa, aonde tua mãe expirou, cobrindo te de bençãos! Um esposo nobre, um cavalleiro dos mais illustres, offerece-te a mão e... Vens.

Desdemona. — ¿O que dizeis, meu pae?

Brabancio. — ¡Segue-me!

Desdemona. — Não é possivel. ¡Othello não resistiria á dor de me perder!

Brabancio. — ¿E teu pae, embora padeça, embora morra sem consolação, não te merece o mais pequeno sacrificio? ¡¿Pelo mouro deixas o meu amor, e esqueces tudo?!

Desdemona. — ¡Triste de mim! ¡Agora vejo o abysmo, em que me lancei! ¡Meu pae, a culpada sou eu; cem vezes mais culpada do que elle! ¿Quem accendeu no seu coração o ardor que hoje o abraza? Cravando nos seus olhos descuidados os meus que lhe diziam: ¡amo! ¿não lhe ceguei a razão, não envenenei para sempre a sua vida com a doce peçonha que já me inebriava a mim? Desejei vencer a indifferença do guerreiro que já tinha adorado a gloria: ¡e os meus votos, talvez por castigo, fo-

ram satisfeitos! Othello pagou com egual ternura a paixão que me inspirou sem o saber; disse-m'o, ¡jurou-m'o! Tenho orgulho em ser sua esposa, e um rei que me quizesse, ¡não trocava a mão do mouro, pela sua ornada com o sceptro! Os avós de Othello são as victorias. Já foste seu amigo. ¡Perdoae-lhe, puni-o, se preferis, chamando-lhe filho!

Brabancio. — ¡Não! ¡Para mim a maior affronta foi a sua perfidia! Abri-lhe a minha casa e o meu coração... ¡como correspondeu á confiança de um velho, a quem não devia senão extremos e favores? ¡Levantando contra elle o seu proprio sangue, roubou-lhe o amor de sua filha! ¿E imaginou, que me dobraria o animo, e que eu havia de premiar a traição, perdoando-lhe para te salvar a honra? ¡Engana-se! ¡Escolho o opprobrio!... ¡Antes a solidão, antes o desterro, do que o eterno aviltamento de lhe chamar filho!...

Desdemona. — ¡Meu pae!

Brabancio. — ¡Basta! O que resolvi ha-de ser.

Desdemona — ¡Vêde que é meu esposo!...

Brabancio. — Esse nome, dado ao mouro por ti, é a minha desesperação. Desdemona, ainda uma vez se não queres que Deus te peça contas do sangue de teu pae... ¡assigna este papel!

Desdemona. — ¡Deus do céu! ¿Mas esse escripto?. .

Brabancio. — ¡Assigna! ¡Ou o dia do teu noivado será o ultimo para mim!

Desdemona. — ¡Que trance! Oh, minha mãe, bem me prophetisaste na derradeira hora: ¡melhor me fôra morrer comtigo!

Brabancio. — Tua mãe amaldiçoará aos pés de Deus o instante, em que te deu o ser, ¡porque matas a teu pae!

Desdemona.—¡Jesus! ¡Valei-me! ¿O que pedis? (*Ges-*

to de Brabancio) ¡Seja! *(Assigna cega e precipitadamente, e entrega o papel a Brabancio).*

Brabancio. — ¡Bem! ¡E's ainda a filha da minha ternura, o esteio da minha casa! Terás por esposo um mancebo estranho aos vicios, novo nas paixões, e que ainda no verdor dos annos promette um heroe a Veneza, e gloria á nossa familia. ¡Seu pae confiou-o aos meus cuidados e unindo-o á minha Desdemona cumpro a sua mais anciosa esperança! ¿Desejas saber-lhe o nome? ¡E' Loredano que realça o lustre do sangue pela fama das armas! ¡E' o filho do Doge!

Desdemona. — (*A' parte*) ¡Que angustia, Deus do céu!... (*Alto*) E' natural que me não conheça. E o amor não se forma de repente...

Loredano. — (*Saindo do fundo do theatro, onde estava occulto*) ¡E' verdade, senhora, o amor nasce e não se dobra!... Mas ao filho do Doge, para lhe render o coração, bastou uma hora, em que de perto adorou a formosura d'esse rosto, para se captivar para sempre. ¡Não careceu senão de vos ouvir aqui! ¡Respondo pela sua ternura! ¡Dae-lhe a mão de esposa, e vereis que não torna a desejar a morte!...

Desdemona. — Senhor, não esperava...

Loredano. — ¿Que outro falasse assim?... ¿¡Sobre tudo amando-vos?! A razão é simples. (*Ajoelha*) ¡Loredano, o filho do Doge, está aos vossos pés!

Desdemona (*Recuando, espantada e tremula*) ¡Vós!... ¡Sois vós!

Brabancio. — Loredano, se o teu amor é como o pintas — se promettes fazel-a ditosa e illustre... Desdemona é tua mulher.

Loredano (*Com jubilo*) ¡Sêde abençoado, meu Deus! ¡Esta alegria nem eu a sei dizer! (*N'este momento*

Yago entra pelo fundo e esconde-se pela esquerda sem ser visto).

Desdemona (*a Loredano*) ¡Ainda não posso crêr! ¿Pois ousarieis receber-me violentada?

Brabancio.—¡Não ouças os seus gemidos! ¡Deixa-lhe correr as lagrimas, e desaffogar a ira! Depois ha de agradecer-nos (*Pondo-lhe a mão em cima da mão de Desdemona*) Une a tua mão á sua. ¡E's meu filho!

Loredano (*Triste*) — ¡Não! ¡Vejo-a branca de marmore! ¡Mal póde suster-se! ¡Longe de mim a ventura por tal preço!

Brabancio — ¡Tambem tu vacillas! ¡De que tremes...

Desdemona (*Soluçando*) Não póde acceitar um coração que já é d'outro.

Brabancio — ¡Déste-lh'o sem me ouvir! ¡O teu sangue, a tua mão, e a tua vida são minhas, não podias dispôr d'ellas!

Desdemona — ¿¡Só me deixaes as lagrimas, meu pae?! ¿e a natureza nada valerá? ¿A alma não é livre nos seus affectos?...

Brabancio (*Pondo a mão no peito*) A natureza gravou no coração de teu pae o dever de te obrigar a ser desditosa. ¡Ouve-a, e saberás que os filhos devem obedecer!

Desdemona. — ¡O que farei, meu Deus!

Brabancio. — ¡Seguir teu pae!

Desdemona.—¡O coração estala-me!... ¡Othello!... ¡Não posso! Nunca o deixarei.

Brabancio — ¡Escolhe!

Desdemona.— (*Depois de curta pausa, res luta e com a fronte alta*) Déste-me a vida... pedi o meu sangue, que é vosso, e derramal-o-hei sem me queixar! Mas o meu amor é de Othello, e não posso dal-o a outro.

Brabancio.—(*Sombrio e severo*) ¡ Escolheste ! Estão rotos os laços, que me prendiam ao mundo. ¡ Buscava minha filha, e achei a esposa do mouro! ¡ Engano cruel ! (*Dá-lhe o papel que ella assignou*) ¡ Recebe-o ! ¡ E's livre ! Nunca mais nos veremos. ¡ Esquece nos braços de Othello, que teu pae, desterrado e só, vae consumir-se de magua, maldizendo a hora, em que Deus o castigou com o teu nascimento ! ¡ Segue a teu esposo, acaba de consummar o meu opprobrio ! ¡ Aonde quer que fores com elle, verás a imagem de teu pae desamparado, e os seus cabellos brancos ultrajados ! ¿ Preferiste á minha ternura o amor feroz do tigre africano ? ¡ Olha, não te despedace um dia nos seus accessos ! ¡ Elle é quem me ha-de vingar ! (*Sae*).

SCENA V

Desdemona e Loredano

Desdemona.—¡ Meu pae... ouvi-me ! (*Vendo que saíu*) ¡ Foi-se para sempre ! (*Lê o papel que assignou, e estremece*).

Loredano.—¡ Deus o trará um dia aos vossos braços !

Desdemona.—¿ O que li eu ?... ¿ Será possivel ?... ¡ Meu pae !...

SCENA VI

Os mesmos, e Hermancia.

Hermancia.—A sua vida corre perigo. Cego de rancor offendeu as leis, e levantou contra si os rigores do Estado. ¡ A pobreza e o exilio é o que lhe resta !

Não sei que delicto commetteu, mas um decreto do Senado acaba de o exauctorar de todas as honras e privilegios, banindo-o de Veneza, e sequestrando-lhe os bens. Teme-se que o conselho dos Dez o condemne, e que o ferro dos seus verdugos...

Desdemona.—(*Sobresaltada a Loredano*) ¡ E' Deus que me inspira ! Sois filho do Doge, e só elle o poderá salvar. Como principe tem amigos, como pae deve querer a felicidade de sua filha. ¡ Se uma illusão necessaria o resolvesse ! ¿ Quereis ajudar-me ? ¡ Sois generoso ! ¡ Tende compaixão ! ¡ Que o Doge acredite que os desejos de Brabancio serão cumpridos ! E' um engano, sei, mas talvez o salvemos assim. ¡ Bem avaliaes o que deve custar-me esta supplica ! ¡ Mas li na vossa alma, e conto com ella ! (*Dando-lhe o papel*) ¡ D'este papel depende a minha vida ! Usae d'elle como se fosse vosso. Não posso fiar mais de um nobre coração. ¿ Acceitaes ? (*Signal affirmativo d'elle*) Assim o esperava. ¡ Agora faz-me horror só imaginal-o ! ¡ Meu pae desterrado e indigente não tem por allivio da sua velhice senão a miseria !... (*Arranca o diadema de diamantes da cabeça*) Eis as unicas riquezas que possuo... levae-lh'o, e sem que elle saiba que é meu, remediae a sua pobreza...

Loredano.—Serão satisfeitos os vossos desejos, senhora. Vou saír, deixando aqui perdidas todas as minhas esperanças. ¡ Mas em memoria do sacrificio, que vos faço, promettei-me que Othello não será hoje vosso esposo ! ¡Os zelos e a dôr não me deixariam livre. ¡ Não teria animo senão para morrer aos vossos pés, mesmo deante dos altares! Não sou tão generoso como cuidaes. ¡ Sinto, que o ciume póde arrastar-me, e que um momento de delirio nos perderia a todos tres ! (*Sáe*).

SCENA VII

Desdemona e Hermancia

Desdemona.— ¡Que palavras, e sobre tudo que olhar! Hermancia, cada vez me vejo mais angustiada. Loredano é generoso, é bom, e entretanto as minhas maguas não o movem ... ¡Mais forte, do que o seu coração, o ciume pede sangue! ¡Se Othello me quizesse ouvir!... Faz-me horror o casamento no mesmo dia, em que meu pae...

SCENA VIII

Os mesmos, e Othello

Othello.— ¡Este momento paga todos os meus cuidados! Desdemona, minha formosa esposa, o padre espera por nós... ¿Tornarei a gosar de outra hora de enlevo, como esta?

Desdemona.—(*Vacillando*) Mas, meu pae desterrado e pobre...

Othello.—Nega-nos o nome e o amor de pae... ¡Sois livre!

Desdemona.—Prometteste, que um segredo inviolavel encubriria o nosso enlace, e...

Othello.—E hei-de cumprir. Yago acautelou tudo.

Desdemona.—Tenho um presentimento, que me assusta. Querido Othello, concede-me o que te peço. Dá-me um dia, mais... ¡Espacemos o nosso casamento até que esta nuvem passe!

Othello.—¡Não! Estou costumado a zombar dos perigos, e nenhum, por grande, podia agora deter-me. ¡Quero que Veneza admire a maior victoria de Othello!...

Hermancia.—(*Baixo a Desdemona*) ¡ Cedei !
Desdemona.—¡ Vâmos !... (*Dá-lhe a mão*).
Othello.—¿ O que receias ? ¡ O futuro cada dia nos ha-de esfolhar as rosas de uma nova esperança ! ¡ Se perdes a amisade de teu pae, não tens a ternura de um esposo para te assegurar que serás venturosa ! (*Sáem*).

SCENA IX

Yago.—(*Saindo do fundo, d'onde ouviu tudo occulto*) ¡ O futuro não é teu, nem d'ella, e o futuro é meu; chama-se Yago !

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

A mesma vista do antecedente

SCENA I

Yago.—*(Só)* ¡Othello, os sonhos e requebros de hontem, serão hoje maguas! ¡A dor da injuria não se apagou; a chamma do ciume, vive e arde no meu peito! ¡Servi-te, não por amisade, mas por calculo e quando veiu a occasião, esqueceste-me, e escolheste outro! ¿E quem? ¡Loredano, apenas conhecido em Veneza pelo sangue dos Doges, que lhe corre nas veias! ¡Um mancebo, que nem aprendeu ainda a vestir as armas, ou a florear a espada!... ¡Combati em Rhodes, em Chypre, e na Africa, em toda a parte aonde a republica me enviou, e o meu premio foi este!... ¡Continuarei a hastear nas batalhas o estandarte de Othello —do meu nobre e generoso senhor! ¡E Desdemona, ama-o! ¡O mouro bronzeado captivou a formosura de um anjo! ¿O que lhe moveu o coração? ¿De que se enlevou ella? ¡De um conto, de uma fabula, que a sua innocencia tomou pela realidade! Quando a illusão passar, desejará outro amor... ¡O caracter desabrido de Othello, enfurecido pelos zelos, chegará a causar-lhe horror!... ¡A mocidade e a belleza não se deleitarão por muito tem-

po entre as garras do tigre! ¡ Animo, Yago! ¡ A esperança só finda com a morte! ¡ Mentira, ou verdade, usa de tudo, com tanto que a alma do mouro se despedace contra o ciume, deixando-te livre a mão de Desdemona!...

SCENA II

Othello e Yago

Othello.—Yago, segue-me a perfidia. Quando Desdemona ia jurar a nossa união, apparece de repente um homem, e quer oppor-se. ¡ Falou da paixão que o arrebatava, de promessas não cumpridas, de morte e desesperação! Perdi a luz dos olhos, e arranquei da espada... Quando tornei ao meu accôrdo achei Desdemona desmaiada. ¿ Quem será este rival, que não conheço, cuja mascara é tão discreta, como é rijo o braço que a defende?...

Yago.—Algum cavalleiro gentil e namorado. Em Veneza não é preciso mais.

Othello.—¡Mas seguil-a até ao altar, e erguer a mão para m'a roubar! E' uma ousadia que só o mais ardente amor podia conceber.

Yago.—¿Não vos disse, que vivemos em Veneza?

Othello.—¿ Seria de Brabancio o golpe? ¡ No seu odio é capaz de tudo! (*Meditando*) ¡ Yago, a minha razão confunde-se; não sei o que julgue! ¿ Aquelle mancebo, que vimos saír d'aqui, aquelle desconhecido que se levantava dos pés de Desdemona, quando entrámos... já sabes quem era?

Yago.—¡ Por ora só tenho suspeitas!... ¡ Mas aquillo não era bom!

Othello.—¿ Então julgas?...

Yago.—¿ Eu ?... ¿O que julgo ?

Othello.—Sim. Explica-te. ¿ Deus do céu, que segredos são esses ? ¿ Balbucias; repetes as minhas perguntas, e parece que um poder occulto atalha a tua voz?... ¿ O que pensaste, quando viste saír aquelle desconhecido? ¿Porque disseste agora mesmo: '¡ ¿ Aquillo não é bom ! ?' ¿ O que não era bom ? ¿ Desvias os olhos, carregas a fronte? ¡Fala! Quero saber tudo.

Yago.—¡ Ninguem vos é mais affeiçoado do que eu, senhor !

Othello.—Razão de mais para te declarares. Não estranharia que outro medisse as palavras, porém tu fazes-me crer, que viste... ¿ Vamos, fala ? ¿ O que dizes ?

Yago.—¡ Que Desdemona é innocente, e que vos adora !

Othello.—¿ Quem falava agora d'ella ? ¿ Ninguem a accusa, para que a defendes ?... ¿ O que significa isto ?

Yago.—No mundo tudo são apparencias. ¡ Feliz o que se contenta com ellas !

Othello.—Não saírás d'aqui sem m'o dizeres...

Yago.—Senhor, não ha poder, que me obrigue... São presentimentos, suspeitas sem vulto. Mesmo aos escravos, não é justo ler-se-lhes na alma. O seu unico thesouro é o que se encerra dentro d'ella. ¿ Quem me assegura de que são fundados os meus receios ? Sou facil em acreditar o mal, e ás vezes erro... ¡ Não vos fieis de mim já vos aviso ! ¡ Ha cousas, que me fazem duvidar de tudo ! ¿ ¡ Revelar-vos tal segredo ?! ¡ Nunca ! ¡ Era perder-me no vosso conceito !

Othello.—(*Irado*) ¿ Nunca ? ¡ Hei-de sabel-o ! ¡ Mando !

Yago.—¡ Guardae-vos do ciume, senhor ! E' uma pai-

xão cruel. No seu delirio inventa as suspeitas que são o seu martyrio, e toma-as depois por infortunios verdadeiros. ¡O coração consome-se em cuidados vãos, a razão ballucina-se... e muitas vezes o crime ensanguenta o amor! ¡Oh, aventurados maridos os que adormecem, rindo, no regaço da traição! ¡Mas o esposo, que estremece deveras, como a desesperação lhe ha-de envenenar a vida, se entre elle e a mulher preferida viu passar a sombra da mais leve desconfiança! ¡Longe de mim o ciume, e os seus transportes!

Othello. — (*Reprimindo-se*) ¿Porque dizes isso? ¿Cuidas que seria capaz de seguir os passos de uma mulher — ligeiros e voluveis como a ave nos seus vôos? ¡Desengana-te! Para mim a duvida era logo certeza. ¡Chama-me insensato, se o vires! Se me disserem, tua mulher é formosa, a dansa distrahe-a, a musica arrebata a, e deseja vêr-se admirada... não me espanto. E' natural. Pede-lh'o a edade. O meu aspecto tambem me não inquieta. Antes de dizer que amava, Desdemona já conhecia as feições e o rosto do mouro. ¡Não, Yago, para eu duvidar é preciso, que veja primeiro, e depois de ver, ainda hei-de exigir as provas! Se as tiver... então sim, ¡acabou o amor porque nasceu o desprezo!... (*Mudando de tom, e baixando a voz*) Crês que Desdemona, assim formosa e ingenua, poderá enganar... A sua candura angelica...

Yago.—(*Com um sorriso frio*) ¡O rosto é a mascara da alma, a apparencia! ¿Porque havia Desdemona de enganar-vos?

Othello.—¿Deveras, julgas?

Yago.—¿Quem melhor a conhece do que vós? .. ¡Guardae-vos sempre! As bellezas venezianas, ¿quem o ignora? são faceis em sorrir e nem sempre negam o que promettem com os olhos.

Othello.—¿ Era a tua suspeita ?

Yago.— Era. Mas a candura do seu rosto desmente-a. Entretanto, lembra-me de seu pae... ¡ Já era vossa, e ainda Brabancio a suppunha innocente !

Othello.—(*A' parte*) ¡ E' verdade !

Yago.—¡ Aquelle mancebo parecia bem gentil, e as lagrimas amollecem até o marmore ! ¿ Aquelle desconhecido viria... se o não recebessem, se o não chamassem ? ¡ E o velho Brabancio persuadido, que deveis o amor de Desdemona a philtros magicos !... *(Ri)* Desculpae, a amisade é que me faz sincero.

Othello.—(*Pensativo e sombrio*) ¡ Não me offendes !

Yago.—¡ Sede vigilante !

Othello.—¡ Recommendação escusada !

Yago. —¿ Estaes agastado ?

Othello.—¡ Não ! Affirmo-te que minha mulher é virtuosa.

Yago.—¡ Ditosa esperança ! Não deis valor a pequenas cousas... Brabancio esteve aqui...

Othello.—¡ Brabancio !

Yago.—¿ Desdemona não vol-o contou ?

Othello.—(*Contendo-se*) ¡ Não ! Ha de dizer-m'o.

Yago.—Até logo, senhor... (*Vae a sair, e volta*) O desconhecido tambem voltou, e teve a mão de Desdemona entre as suas. ¿Desdemona não vos disse nada ?

Othello.—(*Concentrado e terrivel*) ¡ Não! ¡Mas ha-de dizer-m'o !

Yago.—(*Em voz baixa*) ¿Sabeis se aquelle desconhecido seria o mancebo, que encontrastes na capella?

Othello.—¡Oh! (*A' parte*) ¡Que terrivel clarão, meu Deus!... ¡Parece que a alma quer arrancar-se ao corpo!

Yago.—Esquecei-vos do que disse. ¡O tempo vos esclarecerá !

SCENA III

Othello (*Só*). ¡Honrado Yago! ¡Falou por obediencia! E' experiente. Se as suspeitas se realizam, se fôr culpada... quebrarei os laços que nos prendem, embora todas as fibras do coração me estalem ao mesmo tempo!... ¡Devia esperar isto! Tenho o rosto bronzeado, passou por elle o sol do deserto... (*Com amargura*) e os meus annos approximam-se do inverno. Trahiu-me (*Com impeto.*) Hei-de de desprezal a. ¡Só agora sei o que é a dôr! Chamam-nos senhores, e a cada instante a belleza foge de nós esquiva, e corre atraz dos seus caprichos. Entrega o corpo, e nega-nos a vontade... E' sina das grandes almas serem sempre illudidas, e atraiçoadas. O sorriso do amante mais vulgar faz esquecer o amor do maior homem... E' cousa triste mas infallivel, como a morte. (*Vendo entrar Desdemcna*) ¡Não! ¡não! ¡Se aquelle peito esconde a perfidia, os proprios anjos mentem a Deus!

SCENA IV

Othello, Desdemona e Hermancia.

Othello.—¡Não vos esperava!... ¿Buscaveis?

Desdemona.—Para vos amar não era preciso, mas quando me desfallece o coração, ao pé de vós é que posso achar algum conforto.

Othello.—Quero-vos dizer uma cousa.

Desdemona.—Falae.

Othello.—(*A' parte*) ¡Tentemos esta prova! (*Alto*) Veneza socegou. Os rebeldes depuzeram as armas,

e o Senado manda-me em segredo por capitão da sua armada. Vou partir. As galés já não esperam senão por mim.

Desdemona. — ¡Se ao menos, antes, eu pudesse chamar-me vossa esposa!

Othello. — ¡Jurei sel-o! (*Encara-a attento*).

Desdemona. — O mar não me assusta. Ao vosso lado, veria passar os perigos sem receio... porque o amor não me deixaria temer. ¿Meu pae? Se a vingança do conselho dos dez o alcança... ¿não sou a culpada da sua morte, não me accusará perpetuamente aquelle sangue, que é meu, e derramado por minha causa? ¡Meu Deus! ¡Esta idéa gela-me!... Só me resta uma esperança. ¡Talvez o Doge se condôa, ouvindo-me! ¡Se eu me lançasse aos seus pés, talvez obtivesse o perdão de Brabancio!

Othello. — ¡A esposa de Othello não ajoelha senão a Deus! ¿Depois, não vos lembra, que hoje mesmo se levantou um braço atrevido para nos separar, e a offensa ainda não foi vingada?

Desdemona. — Não me negueis o que vos peço. ¡E' a primeira cousa!

Othello. — Se reflectirdes vereis a razão.

Desdemona. — E' tão pouco. Se me tens amor, Othello, ¡concede-m'o!

Othello. — Porque te amo, recuso. Não conheces Veneza .. por isso avalias mal a minha prudencia.

Desdemona — (*Chorando e caindo sobre uma cadeira*) Não te poderei salvar, ¡meu pae!

Othello. — ¡Desdemona!... (*A' parte*) ¡E' impossivel! Este rosto não engana. (*Alto*) Consola-te. ¡Essas lagrimas custam-me como se as vertessem os meus olhos! Procura o Doge... ¡e acode a teu pae!.. Vôa, se queres; a tua vontade será a minha. ¿Estás satisfeita? ¿Perdoas-me agora?

Desdemona. — ¡Eu, perdoar-te! Porque não posso abrir-te o meu peito para veres a ternura de tua esposa... Se um dia duvidares de mim, se a suspeita passar pelo teu coração, antes a morte do que ver-te longe dos meus olhos... (*Sáe com Hermancia. Othello acompanha a, e sáe com ella tambem*).

SCENA V

Yago.—(*Só*). (*Entra cautelloso, e corre pela sala um olhar sombrio*) ¡ O espirito dos fortes não é senão fraqueza ! ¡ Othello, chamam-te grande, admiram-te, e uma fabula bastou para a tua razão caír ! ¡Junte-se um nuvem maior ás que formam já a tempestade, e has-de naufragar ! O mouro ha-de acreditar, quando vir este papel... quando souber, que o diadema, que ornava a fronte de Desdemona, estava nas mãos de Loredano ... (*Rindo*) ¿Ainda pedirá mais provas? O filho do Doge, ¡que me foi preferido ! ... A sua honra e a sua vida param nas minhas mãos ... (*Rindo*) ¡e estão seguras! Desdemona ha-de suppor, que elle a atraiçoou . . . Othello não lhe perdoaria nunca o seu amor, ¡se eu me houvesse antecipado! (*Vendo Othello, que se adeanta lentamente*) Tudo me sáe á medida dos desejos. ¡ A prova está alli ! (*Indica o mouro, que o não vê absorvido nas suas cogitações*) ¿ O coração não te deixa socegar? Debalde pedes remedio. ¡Esse fogo nunca se apaga! ¡Vê se torna o somno tranquillo, que dormias hontem !

SCENA VI

Yago e Othello

Othello.—(*Julgando se só, e como meditando*) Se ella é falsa, ¿de quem me poderei fiar?

Yago.—¿ Passaram as suspeitas ?

Othello.— ¡ Deixa-me! ¡Antes cem vezes trahido, do que tal martyrio!

Yago.—Acalmae-vos.

Othello.—Hontem era feliz. Não sentia isto...¿ Viriam os seus labios ainda quentes dos beijos de outro? ¡ Ignorava-o! Dormi sereno. ¡Mas hoje! ... O socego fugiu para sempre. ¡Alegria, ventura, esperança, a perfida passou por ellas, e perdi-as! Tudo se acabou. (*Para Yago com subito fervor*) ¡Escuta! Nada de incertezas. ¿Crês que Desdemona maculou a sua virtude? ¿Aonde está a prova? Se a não apresentas, ¡melhor fôra não teres nascido! ¿A prova ?... (*Lança-lhe a mão*).

Yago.—(*Recuando assustado*) ¡ Senhor!

Othello.—Quero vêr o seu crime, como vejo a luz do dia.

Yago.—¡ Ouvi! ...

Othello.—Se mentiste, se a minha Desdemona fôr victima da tua maldade ... torno a dizer: ¡melhor fôra não teres nascido!

Yago.—¡Deus de justiça! ¿O que vos fiz?... ¿Accusaes-me de que? ¡Deixae-me saír... separemo-nos! (*Quer sair.*)

Othello.—¡Fica! Deves ser honrado. Não sei o que digo d'ella... nem de ti. ¡No mesmo momento parece-me virtuosa e inconstante, adoro-a, e desejo a sua morte! Depois do que te ouvi, a minha razão

delira... ¿Meu Deus será possivel, que tão suave formosura encubra a traição?

Yago.—Não renoveis a dôr. Esquecei-vos de tudo...

Othello.—¿As provas?

Yago.—¿Tendes animo?

Othello.—¡Estou esperando!

Yago.—¿E se vos disser, que a offensa é grande e irremediavel? ¿ouvir-me-heis tranquillo?

Othello.—(*Reprimindo-se*) O homem fez-se para a dôr. Sou homem.

Yago.—Desdemona ama outro...

Othello.—Ah!

Yago.—E' Loredano; o filho do Doge.

Othello.—¡Uma palavra ainda! ¿Foi-me sempre infiel?...

Yago.—¡Perguntae-lhe pelo soberbo diadema de brilhantes, penhor do vosso affecto! ¡O filho do Doge, ha pouco ainda, tinha-o nas mãos, e mostrando-o, dizia a todos, que Desdemona era sua amante!

Othello.—¡O meu diadema! ¿Que é das provas?

Yago.—¡Lêde este papel!... Para o arrancar a Loredano foi preciso atravessar-lhe o peito. Occulto aqui, vi-o receber o diadema, e o escripto das mãos de Desdemona... ¡e jurei que seriam vossos! ¿Ainda quereis mais provas? (*Entrega-lhe o diadema e o papel.*)

Othello.—(*Lendo o papel*) «Confesso a minha culpa, «meu pae. Deixarei Othello. Loredano será meu «esposo, se para me perdoardes, é indispensavel acceitar a sua mão.—Desdemona.» (*Pausa terrivel; depois com explosão*) ¡Oh, mil vidas que ella tivesse!... ¡Agora percebo tudo! ¿Aonde tinha eu os olhos, que não viam?... Yago, o amor apagou-se de repente. ¡Nem cinzas restam d'elle! ¡Agora a minha paixão é a vingança!

Yago.—¡Senhor!

Othello — ¡O sangue lavará a affronta! ¿E Loredano?... ¿Mataste-o? ¿Morreu?

Yago.—Ainda respirava, quando o transportaram... mas já sem fala.

Othello.—¡Hei-de sepultar o crime e o amor no mesmo abysmo!

Yago.—¡Castigae-os com o desprezo!... A armada parte; que Desdemona saiba que nunca mais vos ha-de ver... deixae-a para sempre, e estaes vingado!

Othello.—(*Othello cáe em profunda reflexão. Depois de curta pausa, em voz lenta e placida*) ¡Amigo, a desesperação feriu-me de morte! Os momentos são preciosos. Amei Veneza, e mesmo deixando-a, quero que o meu nome sobreviva. Quero que um grande capitão continue a sujeitar a victoria ás suas armas... ¡Quando me despedir do Senado, designarei esse herdeiro de tantas glorias!...

Yago.—¿Que dizeis?... ¿Separaes-vos de nós?!

Othello.—O mundo acabou para mim. A dôr que me consome, só no tumulo póde extinguir-se. ¡Ouve! O que padeço é justo. Por minha causa geme um triste velho ralado de saudades, e da terra do desterro, para onde se encaminha, amaldiçoará o mouro, e a sua funesta paixão... ¡Soccorre-o! Que todos os perigos se afastem d'elle! Quero dormir em paz o ultimo somno, e a offensa de Brabancio seria um remorso eterno... Ultragei na minha cegueira a magestade das suas cans. Commigo findam todos os seus pezares... Entrega este diadema e este papel a Desdemona... a sua filha. (*Mostra-lh'os sem os dar*) ¡Mas não lhe fales de mim! ¡Que ignore sempre sempre se sou morto ou vivo!...

Yago.—¡Senhor, é o vosso testamento, que estaes dictando! ¡Não vos deixeis abater! A guerra vae

começar. Esquecei nos combates essa paixão... funesta...

Othello.—(*Triste e desalentado, mas animando-se gradualmente*) As minhas batalhas estão concluidas. Nunca mais verei ondear os esquadrões desfilando á carreira, nem o meu corcel desatará o galope ao som das trombetas! ¡Ambição! ¡Sublime virtude do guerreiro! Estás muda no meu peito. Já não tens que desejar... A guerra em vão chamará por mim! A gloria debalde me accusará... (*Com um sorriso amargo*) ¡O dedo de rosas de uma creança tocou me no coração, e vasio de tudo, sinto que elle morreu, primeiro do que eu!

Yago.—¡Não é possivel! Tornae ao vosso accôrdo... ¡Othello, o vencedor de Chypre, não ha-de ficar prostrado!...

Othello.—¿Que queres? Sou homem. Deus tinha-me creado forte contra o infortunio. Em lucta nunca fui vencido. ¡Vaidades do orgulho! Bastou um olhar terno para o leão se fazer cordeiro... bastou uma perfidia para não se levantar mais...

Yago.—¡Oh, Desdemona, que nobre coração trespassas! (*Finge limpar os olhos com dôr hypocrita*) ¡Othello sacrificado a Loredano! Foi por ser do sangue dos Doges!...

Othello.—(*Cessando de se reprimir, e com voz preza mas forte; grande excitação)* ¡O sangue dos Doges! Tens razão. ¡Elle pode escapar! ¡A tua espada talvez não cortasse, mas suspendesse a vida! ¡Quem sabe! ¡Depois de eu morto, rindo-se da loucura do mouro, talvez que ambos ainda—elle e a perfida!—viessem renovar os falsos juramentos do amor... até sobre o meu tumulo!... (*Correndo a mão pela fronte*) ¡Que seja completa a ruina! Que esse nobre sangue, que a seduziu, corra a par do meu.. e que o d'ella!... (*Pausa*) ¡Yago! ¡Des-

demona viveu! ¡Esta noute preciso de um veneno rapido! (*Com sombria ternura*) ¡Não lhe direi nada! ¡as suas lagrimas poderiam enternecer-me! ¡Nem uma palavra! ¡Não a verei padecer! (*Caindo na reflexão melancolica*) ¡Eramos tão ditosos os dois, se ella me não trahisse!... ¡Brabancio, tinha razão! ¿A filha que enganou seu pae, depois de esposa, como deixaria de illudir tambem o esposo? (*Pegando com força na mão de Yago*) ¡Olha bem para ella! ¿Vês aquelle rosto, que os anjos invejariam, vês a graça da brandura e da belleza? Louva-lh'o e fica certo, não perdoarás a lisonja! Prantos e sorrisos custam-lhe o mesmo. Os labios dizem tudo menos o que sente o coração. (*Rindo com dôr*) ¡E' tão meiga e innocente! ¿Vês aquelles olhos?... ¡Que alma pura se reflecte n'elles! (*Com grande ira*) ¡Mentira! ¡Falsidade! ¡Apparencia tudo! ¡Perfida como as ondas... o seu riso dá a morte. ¡Adormeci feliz e tranquillo ao seu lado, e a ingrata... cravou-me a infamia no coração!

SCENA VII

Othello, Yago, Desdemona e Hermancia

Othello. — (*A'parte, vendo-a entrar*) ¡Como a dissimulação é pezada! (*Alto*) ¡Bem vinda, formosa dama! ¿Vistes o Doge?... ¿Commoveu-se? (*Ironico sempre*) ¡Quem não havia de apiedar-se vendo as lagrimas supplicantes de tanta belleza! (*Pega-lhe na mão*) ¡Como esta mão é alva e suave; mas fria que gela!... ¿Mão tão linda será pura e leal? (*Encara-a.*)

Desdemona.—¡E' o penhor da nossa ternura!

Othello.—¡Ah! ¡D'antes dava-se o coração com ella! Agora . . . vejo que não. ¡Empenha-se!

Desdemona.—Não vos percebo. ¿Tendes alguma cousa? . . .

Othello.—Não. ¿Vamos, querida, não olhaes para mim? Quero ver . . .

Desdemona.—*(Sobresaltada)* ¿O que tendes? Acho-vos demudado . . .

Othello.—Nada. ¡Sobresaltos de alegria! ¡Jubilos da ternura! ¿Porque fogem de mim os teus olhos? . . . ¿Tambem esses são puros e verdadeiros?

Desdemona.—¡Assustaes-me! ¿Que idéa vos passa pela mente? ¡Fazeis-me tremer!

Othello —*(Sorrindo sombrio)* ¡Illusões tuas! ¿Nunca ouviste que o jubilo tambem mata? . . . *(A Hermancia com ironia)* Dous entes que se adoram, como nós, ás vezes desejam estar sós. *(Com ira repentina)* ¿Quantas vezes tens feito signal para advertir o amante da vinda do esposo?

Hermancia.—Não sei que suspeitas são as vossas... Mas juro-vos pela justiça de Deus, que não ha mais virtuosa esposa, do que Desdemona.

Othello.—*(Contendo-se com violencia)* ¡Bem! ¡Deixae-nos sós!

Hermancia.—*(A Desdemona)* ¡Animo! ¡E' uma nuvem que ha-de passar! *(Hermancia e Yago sáem cada qual por seu lado.)*

Othello.—*(A' parte)* ¡E' a sua confidente! . . . Encobre-a como cumplice. *(Alto a Desdemona)* ¡Devieis ter pressa de saír! *(Ironico)* ¿para salvar . . . vosso pae, ou vosso . . . ou o filho do Doge? . . .

Desdemona.—*(A' parte)* ¡Meu Deus! *(Alto)* ¿Senhor, em que vos offendi? Vejo nos vossos olhos a ira e o desprezo; as palavras rebentam-vos dos labios cortantes como ferro . . . ¿O que vos fiz?

Othello.—*(A' parte contemplando-a)* Flôr suave e

linda, ¿porque te corrompeste assim? ¡Antes nunca nascêras!

Desdemona. — (*Supplicante*) ¡Othello, gela-me o vosso silencio! ¿Porque desviaes a vista? ¿Em que vos offendi?

Othello.—(*A' parte*) ¿Nos seus olhos reina a suavidade do céu; porque estarão na sua alma todas as trevas do inferno?... (*Alto*) ¡Estaes pallida, senhora! (*Ironico*) ¿Quereis um conselho? Cingi essa alva fronte, com um diadema de diamantes... (*Riso amargo*) Não receeis pelo esplendor dos olhos... ¡E' mais vivo que o das pedras!...

Desdemona.—¿O meu diadema?... (*Atalhando-se*) Não posso...

Othello.—¿Porque? (*Sombrio.*)

Desdemona.—¿De que vos iraes?

Othello.—¡Quero vel-o!

Desdemona.—¡Jesus! (*Alto*) ¡Hei-de achal-o! (*Approxima-se de Othello. Este recúa com desdem.*)

Othello.—Mostra-me o diadema, ou direi...

Desdemona.—(*Perturbada e vacillante*) ¡Se soubesseis o que meu pae tem padecido! Foi...

Othello.—(*Terrivel e dando um passo para ella*) ¡¿O diadema?!

Desdemona.—¡Em verdade desconheço-vos! Não sei...

Othello.—(*Erguendo os braços, e sorrindo amargamente*) ¡Não sabes!... ¿Pergunta ao Doge Moncenigo se seu filho o achou? (*Com explosão*) A ultima prova não desmentiu as outras. ¡Tu o quizeste! (*Sáe arrebatado.*)

Desdemona. — (*Caíndo desfallecida e fulminada*) ¡Meu Deus!... ¡leio a morte nos seus olhos!

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

O theatro representa o quarto de cama de Desdemona. Um leito com cortinados. Uma lampada accesa. Varios moveis. Uma ticrba, ou harpa antiga, em cima de uma cadeira.

SCENA I

Desdemona.—(*Só e soluçando*) ¡Deus é justo! Mereci as amarguras d'este calix, que Othello me faz tragar. ¡Filha ingrata desobedeci a meu pae, deixei deserta a sua casa, e assentei a dôr ao lado da sua velhice! As affrontas que me vertem hoje sobre a cabeça, vingam as desgraças causadas pela minha malfadada paixão. ¡Mas a vergonha, o castigo do meu opprobrio, pelas mãos de Othello, é bem cruel! Póde e deve accusar-me... Outro que me suspeitasse, que deixasse morder-me pela calumnia, talvez tivesse razão; ¡mas elle! ¿O que fiz? ¿O que disse?... ¿para me pizar assim a alma com desprezos? (*Com terror*) ¡Morrer tão moça é bem triste! ha-de custar. (*Com susto e estremecendo*) ¡Sinto passos!... ¡Meu Deus! ¿Será elle?

SCENA II

Desdemona e Hermancia

Hermancia.—Não vos assusteis, sou eu. ¡Jesus! ¡Como estaes pallida! ¿O que vos disse aquelle homem?... ¿O que tendes?

Desdemona.—Parece-me ter accordado de um sonho... ¡bem terrivel!

Hermancia.—Elle mostrava-se irado. ¿Sabeis a razão?

Desdemona.— (*Abstracta*) ¿De que?

Hermancia.—¿Quem o offendeu?

Desdemona.—(*Do mesmo modo*) ¿A quem?

Hermancia.—¡A Othello! Depois que saí da sala... ouvi soar mais alta a sua voz...

Desdemona.—(*Chorando com a fronte entre as mãos*) Não me perguntes; bem vês que as lagrimas não me deixam responder. Põe-me em cima d'esse leito o vestido, que tinha para o meu noivado... (*Com profunda magua*) Faz hoje annos, que morreu minha mãe, e foi em um quarto como este. (*Hermancia tirando o vestido*).

Hermancia.—¡Que terrores!

Desdemona.—Junto da sua cama uma lampada, esmorecida quasi apagada... (*Olhando para a lampada*) ¡Como aquella!

Hermancia.—¿E vosso esposo está mais aplacado? ¿Falou-vos depois mais brando?

Desdemona.—¡Nem sempre o rosto mostra a alma! Disse-me... ¡não te assustes! que o esperasse aqui, e sobre tudo que estivesse só.

Hermancia.—¡¿Só?! ¿Para que?

Desdemona.—Não quero que se agaste mais, obedecerei. ¡Adeus!... ¿Não disse minha mãe, que me-

lhor fôra que eu morresse juntamente com ella? A prophecia ha-de cumprir-se.

Hermancia—¡Mais valêra nunca terdes visto Othello!

Desdemona.—¿Porque? ¡Fui tão ditosa com elle! Assim mesmo, desabrido e sombrio, ainda o amo. Os seus desprezos... ¡deslaça-me depressa!... não me offendem, não sei o que os desculpa aos meus olhos.

Hermancia.—O vestido do noivado fica em cima do leito.

Desdemona.—¡ Oh, meu pae, cumprem-se as tuas palavras!... O amor ha-de matar-me. ¡Que loucos são os nossos pensamentos ! Hermancia, quero ser amortalhada n'aquelle vestido. Se eu morrer primeiro... ¿promettes fazel-o? ¡Meu pae, meu pae! (*Chora*)

Hermancia.—¡ Em nome do céu não digaes isso! ¿Que perigo vos ameaça ?

Desdemona.—(*Em quanto lhe desembaraça lentamente o cabello diante do espelho*) Minha mãe teve muito tempo uma escrava... e tambem era africana. Chamava-se Joel. A sua tristeza nunca viu um sorriso; tinha-lhe enlouquecido o amante, e ficou abandonada. Parece que ainda a estou ouvindo cantar uma canção bem antiga — a do salgueiro... ¡Morreu tão nova a pobre Joel! ¡e até ao ultimo dia repetiu a mesma cantiga! ¡Não sei porque me não sáem hoje da memoria os versos e a toada! Sinto pender a cabeça, como a d'ella quando a cantava. ¡Acaba depressa! ¡Estão-se-me fechando os olhos!

Hermancia.—(*Procurando distrahil-a*) Veneza é a terra das novidades. Conheço uma dama, que, por amor de um cavalheiro fez voto, se elle a desposasse, de ir a Napoles de romaria. ¿Não adivinhaes quem é?

Desdemona. — (*Sem ouvir e pensativa. Recita os versos da canção acompanhando-se com a harpa. Melodia suave e branda na orchestra. Hermancia escuta-a silenciosa*).

Sob o languido chorão
Jaz a donzella apartada
A fronte na mão firmada
Os olhos fitos no chão!

O salgueiro canta, — embora,
Como nós suspira, e chora,

O ribeiro crystallino
Pela encosta murmurando,
Vae gemendo de contin'o,
E como elle suspirando.

Hermancia.—¡Deixae-me ficar esta noite no vosso quarto!

Desdemona.—(*Sem a ouvir continua* :)

Que ninguem mais o crimine
Porque ninguem mais lhe quer,
Que o seu imperio domine,
(Embora todo o meu ser) (*)

(*Depois atalha-se de repente*) ¡Não! Esta não é a copla. Nunca pôde acabar o romance... (*Estremecendo*) ¿Não ouves bater? ¡Escuta! ¿Não ouves?

Hermancia.—Foi o vento.

Desdemona.—¡Ah! Vae descançar. Como esta luz

(*) Devo esta gracioso versão aos versos de Alfredo de Vigni, na sua traducção do OTHELLO, á penna facil e elegante do meu bom amigo R. de Bulhão Pato.

me fere as olhos... Sinto-os como lume... ¿E' signal de lagrimas?

Hermancia.—Não, minha senhora.

Desdemona.—¡Oh, os homens!... ¿Dize, julgas que ha esposas tão vís que atraiçoem o amor jurado?

Hermancia.—¡Mas!... ¡antes as não houvera!

Desdemona.—¡A noite está carregada!... ¿Não sentes os trovões? ¡Adeus!...

Hermancia.—¡Custa-me tanto a deixar-vos hoje!

Desdemona.—Elle mandou... ¡Adeus! (*Hermancia sáe*).

SCENA III

Desdemona.—(*Só*). ¡Pobre Hermancia!... E' como um amor de mãe. (*Ajoelha ao pé do leito*) ¡Senhor, que vêdes os mortaes com os olhos de pae... fazei que o meu se abrande, e que antes de morrer eu possa beijar as suas cans, apertada n'aquelles braços, que tantas vezes me quizeram metter no coração!.. Meu Deus, illustrae o espirito de Othello, que as sombras se desvaneçam da sua alma... Sou culpada, errei; ¡mas a vossa misericordia é infinita! Não me desampareis. *(Reclina-se no leito)* O somno peza-me nos olhos... ¡e consola-me! E' tão doce descançar assim... esquecer cuidados... saudades... e sustos... (*Encosta a cabeça, e adormece.)*

SCENA IV

Desdemona, adormecida, e Othello

(*Othello entra com uma lampada na mão esquerda, e a sua espada na direita.—Depois de correr os*

olhos em torno da casa, diz as primeiras palavras com expressão de profunda reflexão interior, sôlta dos seus labios pela violencia da amargura.)

Othello.—A causa... ¡minha alma! ¡Tu a sabes!... ¡E tão occulta a escondi no peito, que mesmo ao clarão das estrellas a não diria! ¡Não lhe derramarei o sangue! ¡Era crueldade dilacerar aquelle seio de jaspe! (*Contempla-a*) ¡A' luz d'esta lampada parece uma suave imagem de alabastro reclinada em alvo sepulchro! (*Põe a espada e a lampada sobre uma meza*) ¡Nada de fraquezas!... ¡Se lhe deixasse a vida, trahiria outros, tornal-os hía infelizes sem remedio! ¡Apague-se esta luz!... é justiça! Primor da natureza, divina flôr de formosura, quando o sopro, que te anima, tiver voado... ¿quem ha-de accordar-te outra vez do teu somno? ¿E se um erro meu?... ¡Não! O destino assim o quiz. Se mão pezada a colher, a rosa, por força murcha! ¡Mas, ao menos... hei-de admiral-a antes! (*Beija-a na fronte ao de leve*) ¡Que suave e perfumado alento! ¡Como respira serena! A fronte está como o céu sem nuvens! ¡Enlevo da minha vida!... A innocencia não repousaria mais tranquilla! ¡Outro beijo ainda—o ultimo! ¡Nunca signal d'amor deu assim a morte! (*Desatando o pranto*) ¡E chóro! ¡E' que a minha ira, como a do céu, castiga os que mais amou!... (*Pausa*) ¡Accorda!

Desdemona.—¿Quem está ahi?... ¿Othello? ¡Sois vós?

Othello.—Sim, Desdemona, sou eu.

Desdemona.—¿Vindes repousar?

Othello.—(*Sentado, sem olhar para ella, e falando com brandura*) ¿Desdemona, pediste a Deus esta noite, que vos salvasse?

Desdemona.—¡Pedi!

Othello.—¡Bem! Agora examina toda a tua vida, e

se a consciencia te accusa... invoca a misericordia de Deus, para te perdoar...

Desdemona.—¿O que quereis dizer, senhor?

Othello.—¡Faze o que te digo! (*Passeia agitado*) ¡Depressa! afastar-me-hei um pouco. ¡Prepara-te! A minha acção é justa; mas ás vezes o céu absolve o crime mais infame, e acceita o arrependimento ¡Não quero matar a alma!

Desdemona.—¿Falaes de crimes?! ¿Falaes de morte?...

Othello.—Falo.

Desdemona.—¡Meu Deus!

Othello.—¡Elle te ouça! ¡Prepara-te!

Desdemona.—Não é a mim que mataes. ¿Dizei-me, que ouvi mal?

Othello.—¡Pergunta ao teu coração, e elle te responderá!

Desdemona.—¡A tua colera faz tremer!... ¿Porque olhas para mim com essa vista sombria e turva, que esfria a alma? ¿O que te fiz eu? A ninguem offendi. Não me sinto culpada, mas, vendo-te, estremeço.

Othello.—¡Recorda-te do teu crime!

Desdemona.—¡O meu crime é ter-vos amado mais, do que a meu pae! ¿Morro por te amar?!... ¿Castigas-me pelo meu sacrificio? ¡E' crueldade! ¿Porque tremes, e arquejas, como se um grande pezo te opprimisse?... ¡Que feros olhos me lanças! ¿Qual foi o meu delicto?

Othello—¡Ouve-me socegada!

Desdemona.—(*Sentada na borda do leito*) Estou tranquilla.

Othello.—¿Aquelle diadema, que te dei, e que me dizias prezar tanto, a quem o entregaste?

Desdemona.—Foi para accudir a meu pae. Confiei-o a um mancebo nobre, e está nas suas mãos.

Othello.—¿O nome d'elle?

Desdemona.—Loredano.

Othello.—¿Por ser filho do Doge... é que o preferiste? Bem vês, que não sou cioso. ¿Amaste-o?

Desdemona.—¡Eu! ¿amal-o? ¡É falso! Chamae-o a elle mesmo, e sabereis...

Othello.—Não juntes o perjurio ao crime; ¡estás deante da morte!... ¿Não o amas? *(Sorrindo terrivel)* ¿E se teu pae t'o offerecesse para esposo?...

Desdemona.—Juro que o recusava.

Othello.—¡Ah!... ¿Então o teu amor não mudou? ¿È só meu? ¡Vê que falas quasi na presença de Deus!

Desdemona.—Nunca tive outro. Deante de Deus o juro. Se minto, estou prompta a morrer.

Othello.—Negas em vão. ¿Juras e prantos? ¡Artificios baldados! Não poderás amollecer com as lagrimas a minha resolução... ¡A tua morte é justa!

Desdemona.—¡Deus de bondade, soccorrei me! ¡Othello! Nunca amei Loredano... vi-o duas vezes apenas... e não te deve causar ciume. Nunca lhe disse uma palavra que te offendesse .. ¡Magoou-me a sua tristeza... eis o que foi! Aquella joia não lh'a dei em penhor de affecto...

Othello.—¡Pela luz do céu!... ¿Não teve elle o diadema nas mãos... e dado por ti!? Porque mentes a Deus e aos homens! Cada falsidade, que ajuntas, é mais uma voz que dás á minha ira! Falas a um coração de marmore. O sacrificio da tua vida, posso chamal-o agora justiça... ¡Vi o diadema!

Desdemona.—¿Vós?... ¿O que disse Loredano então? ¡Que venha, ouvi-o!

Othello.—Não é preciso. ¡Sei aonde o recebeu! ¿Sabes o que elle disse?...

Desdemona.—Não.

Othello.—¡Que eras sua amante!

Desdemona.—¡Não o dirá aqui! (*Gesto de sublime e virtuosa indignação.*)

Othello.—Não, porque foi morto. ¡Yago vingou-me!

Desdemona.—¡Se morreu estou perdida! (*Some o rosto entre as mãos com angustia*).

Othello.—¡E choras... até deante de mim!... ¿¡Não o amavas?! ¡oh, a mentira é torpe!

Desdemona.—¡Choro... uma vida innocente! Nunca o amei

Othello.—¿A quem te queres prostituir ainda para salvar a vida?... ¿Choras, e negas o teu amor?... ¡A traição é negra!... (*Contempla-a.—Pausa*) Oh, daria todo o meu sangue, e a minha alma até... ¡se pudesse ver-te innocente!... (*Frio e severo*) Loredano era o teu amante. Tu mesma o escreveste n'este papel, encontrado por Yago no seu corpo. ¡Lê! ¿O que respondes? (*Dá-lhe o escripto.*)

Desdemona.—Meu pae veiu aqui, e disse-me: «¡Assigna este escripto; se recusas darás conta a Deus do sangue, que te gerou!»... Eu... obedeci.

Othello.—(*Ironico*) ¿E assignaste sem lêr?

Desdemona.—¡Assignei! Uniu-me depois a mão á de Loredano... Resisti. A sua ira cresceu... ¿Não me quereis ouvir? ¿Duvidaes?

Othello.—(*No mesmo tom*) Continua. ¡Quem ha-de duvidar! (*Ironico.*)

Desdemona.—Por fim... restituiu-me o escripto...

Othello.—¿Que mais?

Desdemona.—E dei-o a Loredano.

Othello.—(*A' parte*) ¡Infame! (*Alto*) ¿Para que?

Desdemona.—Para...

Othello.—¡Fala!

Desdemona.—Para o Doge, seu pae, illudido por elle, salvar Brabancio.

Othello.—(*Sombrio e terrivel*) ¡O teu rosto é de an-

jo, mas o inferno não esconde maior astucia! ¡Prepara-te!... Seria crime deixar-te viva.

Desdemona.—Deixa-me só a noite para a minha alma.

Othello.—Não...

Desdemona.—Dá-me só uma hora.

Othello.—Não. Era perdoar-te.

Desdemona.— ¡Um instante!... Para rezar a minha ultima oração.

Othello.—E' tarde (*Fere-a com um punhal sobre a cama, em cuja borda tornou a encostar-se, vendo-o crescer para ella armado.—Depois contempla-a alguns instantes inclinado.*) ¡Fiz o que devia! (*Afasta-se e torna a olhar para ella*) ¡Morta! ¡Fria! ¡Insensivel! ¿Não foi ella que respirou? ¡Não!... ¡Tudo me castiga a um tempo! ¿E agora? ¿Se perguntarem pela esposa de Othello?... ¡Minha esposa!... (*Fecha as cortinas do leito. Batem de fóra*) ¿Não ouço bater?

SCENA V

Othello, Desdemona e Hermancia

Hermancia —(*Entrando arrebatada*) Senhor, Yago foi prezo. O conselho dos Dez seguia-o, e tem provas de um grande crime... Feriu o filho do Doge, mas Loredano já declarou...

Desdemona. (*Por entre as cortinas*) ¡Ah!

Hermancia.—¿Este grito?

Othello.—¿Qual?

Hermancia.—¿Aonde está Desdemona?

Desdemona.—Assassinada. . ¡innocente!

Hermancia.—(*Recuando atterrada*) ¿Quem vos assassinou?

Desdemona.—(*Expirando*) ¡Ninguem! ¡Eu mesma! ¡Dize a Othello que o amo!

Othello.—¿Ella disse que não era eu? ¡E' falso! Mentiu. (*Gesto de horror em Hermancia.*)

SCENA VI

Os mesmos, o Doge, alguns Senadores, Yago, prezo, e Soldados

Doge.—(*A Othello*) Othello, Yago, vosso confidente, trahia vos. Amava Desdemona, e tinha jurado separal-a de vós pelo ciume. Ferindo meu filho á falsa fé, aproveitou-se do seu desmaio para lhe arrancar o diadema e o papel, que vossa esposa me enviava, afim de salvar Brabancio... Prezo, com o assassino, acaba de confessar todas as calumnias, que inventou para vos perder. ¡Desdemona nunca amou meu filho!... Vêde o traidor; o seu rosto diz tudo.

Hermancia.—¡Tigre africano, contempla agora o teu crime! (*Aos senadores e ao Doge*) ¡Guardae este homem! Tem as mãos tinctas no sangue de Desdemona. ¡O mouro matou sua esposa! (*Gesto de horror em todos. Alguns recuam.*)

Othello.—¡E ainda vivo!... Não tenhaes receio, senhores. Estou armado, mas o meu braço perdeu a força. ¡Sou chegado ao termo da carreira! ¡Uma mulher arrancava agora esta espada das minhas mãos! ¡O valor extingue-se com a honra! (*Voltando-se para o leito de Desdemona*) ¡Triste Desdemona, estás ahi branca e fria como o teu sudario!... ¡Dormes no seio da morte, serena como a tua innocencia!... ¡Ao menos acabaste de padecer!

Doge.—(*Aos soldados, indicando Yago*) Que esse monstro vos não escape.

Othello.—(*Tornando a si com impeto*) Não o leveis ainda. ¡Quero vêr se a sua mão queima! ¡Só um demonio podia urdir tão negro trama! (*Yago sáe entre soldados.*)

Moncenigo.—Othello... ¡Vós, a gloria de Veneza, como vos deslustrastes por uma acção covarde! ¿O que hão-de dizer agora?

Othello.—O que quizerem. Informae o Senado de tudo; e se vos perguntarem a razão, dizei: ¡'Matou-a pela honra'!... Prestei serviços ao Estado... ¡não falemos d'elles! ¡Dizei-lhe que amava Desdemona mais do que a mim proprio, que a assassinei; e que o soldado que nunca chorou, o vistes, vencido e fraco, derramando prantos!... (*Procura o seu punhal, e tira-o sem ser visto*) ¡Depois, contae-lhe, que um dia, em Alepo, um turco profanando a egreja, alevantava o alfange sobre um christão... quando o mouro o trespassou com o mesmo punhal, com que se fere aqui! (*Apunhala-se e cáe. Movimento geral.*)

FIM

AS REDEAS DO GOVERNO

COMEDIA EM 3 ACTOS

PERSONAGENS

D. CLARA
EMILIA
ROSA
D. BRUNO
FREDERICO
EDUARDO
BENTO

Em nossos dias.—Madrid.

ACTO I

Sala com porta ao F. e portas lateraes. Mesa com escrevaninha e papel. Velador com uma cesta de costura em cima. Janella de saccada á D.

SCENA I

Emilia e Frederico

Frederico—Nada. ¡Não posso mais! Desengana-te, Emilia, estou cançado. O modo por que nossa mãe me tracta é insupportavel. ¡Toma conta! A' força de apertar o nó, a corda póde rebentar... ¡Obrigar-me na minha edade a ouvir todas as noites as onze horas em casa!...

Emilia—¿Parece-te ainda cedo?

Frederico—¿Cedo?! ¡E' quasi deitar-se a gente com as gallinhas!.. ¡Emquanto os meus amigos correm os bailes, os concertos e os serões; emquanto dançam, jogam e cantam, eu, ao soar da undecima badalada do maldito sino da parochia, hei de estar na cama calado e humilde como uma creança!... Digo-te que não póde ser. A oppressão suffoca-me No seculo XIX os direitos do homem insurgem-se contra tanta iniquidade.

Emilia—¡Sinto muito!... Olha, n'esse ponto sou

do voto da mamã. Rapazes dos teus annos, pelas ruas a deshoras, não podem fazer coisa boa.

Frederico—¡Dos meus annos!... ¿Cuidas que larguei hontem o bibe e os vestidos curtos? ¡Ora esta!... Pelo S. João completei 21 annos. No seculo passado pode ser que me julgassem moço. ¡mas hoje!... Sou um velho menino, e se isto continua, um velho decrepito.

Emilia—¡Ah!

Frederico—E' assim. Os 21 de hoje valem pelos 40 de ha annos. ¡Repara! ¿Quantos moços da minha edade não vês por ahi redactores de jornaes, escrevendo artigos de critica transcendente, discutindo as questões sociaes e politicas mais altas, e cortando com os bicos da penna todas as difficuldades. Uns exaltam a autonomia nacional e a dignidade do cidadão; outros discorrem sobre bellas-artes e são o terror dos theatros e dos artistas, pela severa imparcialidade dos artigos. Estes louvam o galan e sepultam a dama; aquelles applaudem o *si* do peito do tenor e escarnecem as volatas e gorgeios da contralto .. São sabios de nascença. Não leram, não estudaram, mas adivinham. Aos 18 annos sabem mais do que uma Academia.

Emilia—¿E a experiencia?

Frederico—¿A experiencia?! ¡Ora! A experiencia não serve de nada, tem caruncho. Minha querida, em se correndo pelos olhos meia duzia de paginas d'um livro da moda, em se apertando publicamente a mão no botequim ao poeta laureado nas salas, em se rosnando duas ou tres phrases francezas, não é preciso mais. Os conhecimentos são a bagagem incommoda dos pedantes .. Vamos ao que importa. Nossa mãe metteu-se na politica até aos olhos, e a sua teima é comparar a casa a um Estado. A sua carta constitucional é esse maldito

jornal *A Regeneração*, que Deus afogue em ondas de tinta. No uso absoluto dos poderes discrecionarios, que se arroga, poz-me preceito de me recolher todas as noites ás onze horas. Amigo da paz e subdito obediente, ás onze horas batia sempre á porta, e ás onze e meia tinha engulido a ceia e estava no meu quarto. Mas apenas a apanhava deitada...

Emilia—¿Tornavas a sahir?...

Frederico—Tu o disseste. Por desgraça a sua vigilancia descobriu o segredo, e offendida de que tivesse ousado ferir o principio... como ella diz... o principio...

Emilia—¿Da auctoridade? Percebo.

Frederico—Segue-me agora até ao quarto, e fecha-me á chave. ¡Adeus bailes, danças e folguedos! Fico mettido em uma verdadeira prizão cellular. Os meus amigos estranham e perguntam: «¿Aonde passaste a noite?» Alguns mais satyricos exclamam até: «¡Pobre Frederico! Não se admirem da sua falta. ¡Está preso em casa á ordem da mamã!» ¡Oh!... Esta escravidão avilta-me, faz de mim o alvo do escarneo publico! ¡Não posso mais! Vou quebrar o jugo e hoje mesmo ha de ser. Tal arruido e escandalo hei de armar, que todos os visinhos venham á janella de roupão e barrete de dormir.

Emilia—¡Ai! ¡Frederico, não digas isso! ¡Que vergonha para a casa!

Frederico—Pois bem, ¡ouve! Podes muito bem com nossa mãe...

Emilia—Bem se vê. Por signal que me não deixa falar com...

Frederico—¿Com o teu noivo? ¡Outra tyrannia! Mas é só n'isto que te contraría. No mais mãos rotas para tudo. Ora tu has de pedir-lhe...

Emilia—(*Em ar de protecção*). ¡Pois bem! Ha de fazer-se o que fôr possivel.

Frederico—Dize-lhe que todos os rapazes...

Emilia—¿Gostam d'alguma liberdade? ¡Digo!

Frederico—¿Promettes? Olha que se isto continuar, estou resolvido...

Emilia—Nada, nada. Socega. Tudo se ha de arranjar.

Frederico—Até logo. (*Sae*).

SCENA II

Emilia, pouco depois Bento

Emilia—¡Minha mãe não cede!... E se não lhe peço, meu irmão é capaz de fazer alguma loucura que nos dê na cabeça. Valha-me Deus. (*A Bento*) ¿Aonde vaes?

Bento—(*Com jornaes*) Levo á senhora os *priodicos*. Já os pediu tres vezes. A politica é a sua paixão.

Emilia—¡Vae, vae! Minha mãe não gosta de esperar.

SCENA III

Emilia e Rosa

Rosa.—(*da porta*) ¿Menina?

Emilia—¿Que queres, Rosa? Entra.

Rosa.—Como não está aqui a senhora, que é, em casa, de quem tenho medo, venho pedir-lhe um favor.

Emilia.—Se estiver na minha mão.

Rosa.—Está, se sua mãe quizer, já se sabe.

Emilia.—¿Porque lhe não falas então?

Rosa.—O lance é delicado. Tenho umas amigas, creadas de servir como eu, porém muito honradinhas; e convidaram-me para, depois de feita a obrigação, irmos ámanhã um pedacito a tomar o ar... Ignez é uma d'ellas, e...

Emilia.—¿Quem te prende? Pódes sahir...

Rosa.—Bem sei, mas a senhora quer que ás sete horas esteja em casa e não me atrevo...

Emilia.—¿A que?

Rosa.—(*resoluta*, *áparte*) ¡O medo para traz das costas! (*alto*) O que desejava era que a senhora me désse licença por uma hora ou mais, para ir dançar. Andar uma semana inteira na roda viva d'esta casa como uma escrava, e não ter um instantinho para me divertir. ¿Se ámanhã podesse ir?...

Emilia.—Duvido que minha mãe consinta.

Rosa.--A menina bem vê que tenho razão.

Emilia.—¿Achas?

Rosa.—¡Sempre mettida em casa, e demais carregar com todo o trabalho! Já ando derreada. Varrer, esfregar, ao fogareiro e á chaminé, ensaboar e engommar; ¡sou mesmo uma dobadoura! ¡Rosa, faz as camas! ¡Rosa, vae lavar os lenços! ¡Rosa, limpa o pó! ¡Rosa, as camisas do senhor! ¡Ah! ¡Deus da minha alma! ¡que lida, que inferno! E assim mesmo a menina vê que não me faço rogada e que ando sempre de cara alegre...

Emilia.—Minha mãe é tão severa...

Rosa.—Fale-lhe. Desejo tanto vêr a Ignez.

Emilia.—No passeio a encontras.

Rosa.—No passeio não presta. Eu lhe digo. Não gósto d'arcas encouradas. Pratos limpos. Saiba que tenho um noivo. E' bom rapaz e faz-me conta. ¿Não lhe parece que devo casar-me?

Emilia.—¡Ah! ¿Temos amores, senhora Rosa?

Rosa.—Um cabo de *sepadores*, uma perola. Vae ámanhã ao Prado...

Emilia.—¿E querias ir tambem?

Rosa.—Queria. ¿Não faço bem?

Emilia.—Conforme. Da janella tambem pódes vêl-o.

Rosa.—Decerto que vêjo...

Emilia.—¿Então?

Rosa.—Olhe, a verdade é para se dizer. Tenho zelos. Contaram-me que elle dança com outra e quero apanhal-o na ratoeira... Quero vêr a cara com que ficam, elle e a outra... A menina não lhe custa nada, faça-me isto, peça á mamã.

Emilia.—¡Mas!...

Rosa.—¡Minha querida menina!

Emilia.—Pódes fazer bulha, pódes arriscar-te...

Rosa.—Prometto ter juizo.

Emilia.—Pois veremos.

SCENA IV

Os mesmos, D. Clara *(com jornaes)* Bento *(passa ao bastidor)*

Clara.—¿Que estás fazendo aqui, Rosa? ¿Dás á lingua e lá dentro tudo ainda por arranjar?

Rosa.—Minha senhora, vinha...

Clara.—Basta. Não quero saber. No meu orçamento não ha *Sinecuras*.

Rosa.—Senhora...

Clara.—Já para a sua repartição.

Rosa.—Não entendo.

Clara.—¿Para a cosinha, percebeste?... Apura bem o caldo, e os grãos que não venham quasi crús como hontem. Poupa-me o carvão.

Rosa.—Sim, minha senhora.

Clara.—¡Nos governos o peor cancro é o desperdicio, e esbanjar o carvão sempre fez baixar o credito! (*põe os jornaes sobre a meza*).

Rosa.—(*áparte*) ¡Esta mulher enlouqueceu! (*sae*).

SCENA V

Clara e Emilia

Clara.—Esta rapariga vae fazendo-se rebelde. Não cumpre as minhas ordens e decretos.

Emilia.—Minha mãe, mas...

Clara.—Nada. Uma casa é a imagem da nação. ¡Eu mando e todos obedecem, senão!....

Emilia.—Ainda que assim seja, como ninguem a contraría...

Clara.—Os governos devem ser inexoraveis.

Emilia.—Decerto, porém...

Clara.—Se não fôra a firmeza do meu caracter, ha tempos que teria surgido aqui uma segunda Polonia. ¡Viva Deus! Quem me dera ser o imperador da Russia. Havia de mostrar aos revolucionarios que não se toca impunemente no principio da auctoridade. ¿O que estava aqui fazendo Rosa fóra da sua repartição?

Emilia.—Veiu pedir que lhe supplicasse...

Clara.—¡Petições! ¡Temos já as petições em casa! ¡Ah!

Emilia.—Disse que a convidaram para ir ámanhã ao Prado e pedia...

Clara.—Para deixar a casa por más companhias; ¡Indeferido! Nada de concessões. Da primeira á ultima pouco vae.

Emilia.—¡Mas por uma vez só!...
Clara.—Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Indeferido.
Emilia.—Frederico tambem...
Clara.—¡Ah! ¿Frederico está descontente? Estimo.
Emilia.—Não. Uns amigos, e elle...
Clara.—Não ha-de ir. Sei que se queixa porque não o deixo recolher de madrugada. ¡Queixe se, mas obedeça! Não tolero resistencias, nem abusos. Não vou a festas, a theatros, e a passeios, escrava do dever dou o exemplo e hão de seguir-me... por vontade, ou por coacção.
Emilia.—¡Mas!...
Clara.—E tu cala-te. Tenho de tomar-te estreitas contas.
Emilia.—¿A mim?
Clara.—A ti.
Emilia.—¿Porque? ¿O que fiz?
Clara.—Os meus agentes denunciaram-te. Acabo de fazer uma visita domiciliaria no teu quarto, e entre outros papeis encontrei esta carta subversiva (*mostra-lh'a*)
Emilia—¡Que vejo!
Clara—Esta carta que o teu namorado, tão grosseiro como nescio, te escreveu para te aconselhar que illudisses a minha vigilancia.
Emilia.—Porém...
Clara.—¿Não és cumplice, vae dizer? Creio na tua innocencia; mas vou tomar providencias. O senhor Pacheco não tornará a tentar a tua ingenuidade por escripto.
Emilia.—¡Mas!...
Clara.—¡Desacatou a minha auctoridade! Verá como o poder offendido se desaggrava. A minha energia o impedirá de devassar as fronteiras d'este pe-

queno reino. Vamos, menina. Pegue na costura e deixe-se de devaneios (*toca a campainha*).

Emilia—(*A' parte*) ¡Pobre Eduardo!... ¿Porque lhe tomaria minha mãe odio?!...

SCENA IV

As mesmas, e Bento

Bento—(*com o livro do rol da casa*). Minha senhora.

Clara—¿Trazes o rol justo?

Bento—Aqui está. (*Dá-lhe o livro*).

Clara—¿E os outros?

Bento—Prometto...

Clara—¡E' preciso fazel-os. Bem! (*Senta-se á mesa e lê o rol*).

Emilia—(*A' parte*) Eduardo tão gentil e sisudo.

Bento—(*A' parte*) ¡Se ella dará pela cifra a mais!...

Clara—Carne, toucinho, hortaliça, presunto... Bento, ¿que é isto?

Bento—¿O que, minha senhora?

Clara—Hontem veiu presunto, e ¿hoje tornaste a assental-o?

Bento—¿Pois eu puz ahi prezunto?

Clara—Olhe. Era para dois dias.

Bento.—Muito lôrpa sou. ¿Aonde tinha a cabeça? Não faça caso, minha senhora.

Clara—Vês dobrado, rapaz. Por esta vez perdôo-te mas se tornares a enganar-te assim... demittido. Chouriço, leite, arroz, agriões, ¿besugo a cruzado quando esta manhã se vendia a seis vintens e meio?

Bento—Não por este sitio.

Clara—¿Que somma é esta? Está aqui uma cifra de mais.

Bento—¿De mais?

Clara—Vê.

Bento—E' verdade. Como as cifras não teem valor, não fiz caso e puz essa ahi.

Clara—A' esquerda é que as cifras não valem.

Bento—¿Querem ver que fui tão tolo que escrevi essa á direita?...

Clara—E' verdade. Ora leva outra vez o rol, emenda-o e não caias n'outra simplicidade esperta como esta.

Bento—(*A' parte, recebendo o livro*). Não ha modo. Ella dá por tudo. (*Sae*)

SCENA VII

D. Bruno, D. Clara, Emilia

Bruno—Aqui me tens.

Clara—¡Tão cedo! ¿Que foi isso?

Bruno—Não me lembrei de que era feriado. Tenho que dizer-te.

Clara—Logo.

Bruno—Já. E' importante.

Clara—¿Deveras?

Bruno—Coisa grave.

Clara—¡Pasmo!

Bruno—Venho como embaixador.

Clara—¿De quem?

Bruno—Falemos só.

Clara—¿Segredos?

Emilia—(*A' parte*) ¿Eduardo falar-lhe-hia?

Clara—Emilia vae para o teu quarto. (*Emilia sáe*).

SCENA VIII

D. Clara, D. Bruno

Clara—Estamos sós. ¿O que ha?

Bruno—Ha o seguinte. Quando sahi da repartição, um moço meu conhecido falou-me na rua, disse-me que amava Emilia e era correspondido, e accrescentou que tu não querias que a visse. O mancebo deseja casar com ella e pediu-me licença para vir a nossa casa. Sympathizou commigo.

Clara—¿De hoje?

Bruno—Não. Ha dias. Conheço-lhe familia e a posição e espero...

Clara—Fazes mal.

Bruno—¿Porque? D. Eduardo Pacheco é estudioso, gentil, e honrado. Merece protecção.

Clara—¿E' o teu voto?

Bruno—E'. ¿E depois?

Clara—Depois respondo que não concordo. Não quero no meu reino um inimigo.

Bruno—¡Qual reino, nem qual démo! Toda essa mania já aborrece.

Clara—Uma casa é uma nação pequena, e o chefe precisa de grande firmeza para governar. D. Eduardo escreveu a Emilia esta carta, e não posso a quem ousou escarnecer da minha auctoridade...

Bruno—¡Outra vez, marquez!...

Clara—Conceder carta de visinhança ou de naturalização nos meus Estados. Portanto ordeno e mando que nunca mais me fales d'esse Eduardo Pacheco. Um governo illustrado deve ser forte e energico. (*Sae*).

SCENA IX

D. Bruno, depois Emilia, e apoz Rosa e Frederico

Bruno—E ella com os Decretos para cá e as cartas para lá. ¡Forte massada! Maldita a hora em que não a lancei ao almargem com os periodicos. Não é capaz de escumar uma panella, mas governa o mundo em sêcco. ¡Safa! Isto não é uma mulher, é um congresso, uma gazeta ambulante, um ministro e um inferno. Vamos ver que motivos encontro n'este papel, para excluir de casa D. Eduardo. E' por força alguma nova mania de minha augusta e absoluta esposa. (*Lendo*) «¡Emilia, minha alma, meu amor! Não posso viver sem o sorriso de teus olhos; se me amas, illude a vigilancia de tua mãe, porque preciso falar-te». ¡Demonio! ¡A cousa muda um pouco de figura!

Emilia—¡Papá! Ouvi tudo...

Bruno—E chegas a tempo. O teu noivo armou-a bonita. Deitou tudo a perder com a carta.

Emilia—Proteja-o.

Bruno—¿E a mim... quem me ha de proteger? Tua mãe não transige, e em verdade não me atrevo...

Clara—(*Dentro*) Emilia.

Emilia—Eu vou, mamã. Pelo amor de Deus tome a nossa causa a peito. Eduardo é excellente moço e amo-o.

Bruno—¡Valham-me os santos! ¿Pois tu não vês que nada posso? Prometti ajudal-o, porém receio...

Clara—(*Dentro*) Emilia.

Emilia—Lá vou.

Rosa—(*Entrando*) ¿Que disse a mamã, menina?...

Emilia—Que não. Tenho muita pena, mas...
Rosa—Pois eu é que já não tenho paciencia.
Frederico—(*Entrando*). ¿Falaste? ¿Que respondeu?
Emilia—Que não podia ser. (*Sae*).

SCENA X

D. Bruno, Rosa e Frederico, depois Bento

Frederico—¡ E' insupportavel! (*Passeia e acciona*).
Bruno—(*A' parte*) ¿ Que terá elle ? Parece tambem maniaco.
Rosa—Estafo-me como uma negra e nega-se-me uma hora de licença. (*Passeia inquieta na direcção opposta. D. Bruno pensativo e contemplando-a*).
Frederico—¡Fazer-me na sujeição d'uma creança de dez annos! E os meus amigos por todos os bailes e theatros...
Rosa—¡E' infame!
Frederico—¡E' atroz!
Bruno—¿Mas o que teem ambos? ¿O que foi?
Frederico—Deixe-me, meu pae, estou cego.
Bruno—¿ São cataractas, filho?
Frederico—Não. Estou cego de ira.
Bruno—¿ O que te apaixona ?
Frederico—Minha mãe faz de mim boneco.
Rosa—A senhora não quer que eu dance a victoria.
Bruno—¿A victoria? ¿Que dança é essa?
Rosa—Uma nova marca... e linda.
Bruno— ¡ Famoso! Pois, amigos, tambem eu pedi, e apezar de ser quem sou, bateram-me com a porta na cara. Tua mãe, Frederico, metteu-se-lhe em cabeça fazer da casa reino, e acclamar-se soberana absoluta. Quer que todos lhe obedeçam.
Frederico—¡E' uma tyrannia!

Rosa—Uma escravidão.

Bruno—(*A' parte*) Estes symptomas revelam sublevação proxima.

Frederico—Melhor nos será, meu pae, se, reprimindo os abusos, tomasse a si as redeas do governo.

Rosa—Olhe, senhor, oiça o conselho d'uma ruim cabeça, tome o governo, e dê-me licença para eu ir bailar.

Bruno—Nada, nada. Nunca em minha vida governei e estou velho para aprender agora. Eu aqui represento o povo que, em sua soberania, obedece e elege, e depois trabalha. Elegi tua mãe, e executo as ordens. Diz-me «¡A's dez horas almoça-se!» E eu ás dez horas em ponto sento-me á meza, e almoço. «¡A's tres janta-se!» ¡Janto ás tres! «¡Venha dinheiro!» Dou dinheiro. Se me atrevo a abrir a bocca, depois acóde logo: «¡Cala-te! Não entendes nada d'isso!»... E eu, ponto na lingua, e repartição me haja. ¡Assim ao menos vivo socegado!...

Frederico—¡Como um manequim!

Rosa.—Em casa vale menos que zero.

Frederico.—Deixa aviltar a sua dignidade. E' o dono, é o chefe...

Bruno.—Não.

Frederico.—Devia sel-o. Todo o pae de familia manda em sua casa.

Bruno.—Pois eu obedeço. Cada qual é como Deus o fez.

Frederico.—Mande uma vez, use dos seus direitos...

Bruno.—O poder muito bom deve de ser, senão não queriamos todos o governo.

Frederico.—Minha mãe manda á antiga, já vê que pode...

Bruno.—Não posso nada. Minha mulher detesta as novidades, e obriga-me a jantar quando os outros almoçam.

Frederico.—¡Se todos vivem de noite!

Rosa.—¡Se todos dançam!

Frederico.—¡Negar-nos até um desafogo!

Bruno.—Isto vae-se pondo sério.

Bento.—(*entremos*) ¿A senhora não está aqui?

Frederico.—Não. Está lá dentro. Meu pae, anime-se, faça que o respeitem.

Bruno.—¡Tomára eu!

Frederico.—Seja o dono da casa.

Bruno.—¡Oxalá!

Bento.—Patrão, mostre que é gente.

Bruno.—¡Ah! tambem tu...

Bento.—Somos uns escravos, se me demoro um instantinho e digo uma graça a uma rapariga, em casa levo logo sermão e responso. Se o rol não vem certo, Deus nos acuda, manda-m'o escrever de novo. Se as coisas estão caras, a senhora cuida que a enganei...

Bruno.—Tem muito amor á casa. Excesso de zelo louvavel.

Frederico.—Tyranniza-nos a todos com o seu zelo.

Bruno.—Ora pois, já vejo que não ha remedio senão intervir.

Frederico.—Mas depressa, senão fujo de casa.

Bento.—E eu procuro outro commodo.

Rosa.—E eu dou-me por despedida.

Bento.—V. S.ª é o nosso chefe. Está acclamado. ¡Viva!

Bruno.—¿Então fazes de mim cabeça de motim?

Frederico.—Conte com o nosso appoio.

Bruno.—¿Bem. E se tua mãe resistir?... Receio um golpe de Estado.

Frederico.—Declare o seu programma de governo.

Bruno.—Está bom. ¿Mas se a revolução não triumphar?... ¡¿Quem me dará, não um, mas dois mil cavallos para me safar do aperto?!

SCENA XI

Os mesmos e D. Clara

Clara.—¿Todos aqui? ¿O que succedeu?
Bruno.—(*assustado*) ¡Deus nos acuda!
Bento e Rosa—¡A senhora!
Frederico—(*a Bruno*) ¡Animo! ¡Brio!
Clara.—¿Que é isto? (*Pausa*)
Bruno.—(*perturbado, cedendo aos acenos dos tres*) Bem vês.... estamos aqui.... sim.... estamos porque alguma coisa houve. Eu por mim o que desejo é a paz... Vale mais um remedio a tempo, do que mil fóra d'horas.
Clara.—Não te entendo.
Bruno.—Eu falo. Amo a paz sobre todas as coisas...
Clara.—Bem sei. ¿E depois?
Bruno.—E antes de travar a lucta...
Clara.—¡A lucta!...
Bruno.—Menina, as causas do descontentamento geral são grandes... deves sabêl-as.
Clara.—¡Eu! Eu não sei nada.
Bruno.—E' sempre assim. ¡Não sabes nada! Escuta. Dizes sempre que esta casa é um reino, que és a soberana absoluta, e queres ordem e obediencia... Dizes que a politica é a base das nações... Pois, minha querida amiga, a occasião chegou. O reino exige de ti um grande, um nobre sacrificio...
Clara.—¿¡Mas que queres tu dizer por fim, homem de Deus?!
Bruno.—Digo que estamos em crise.
Clara.—Basta. Nem uma palavra mais. Estranho que désses ouvidos a queixas loucas, que te deixasses convencer...

Bruno.—¡Não, mulher! As queixas não são tão loucas como crês. Dizem os teus subditos que os governas pelo terror. Não me parece isso bom ¿Que mal faz o rapaz recolher-se depois da meia noite? Dançar a creada...

Rosa.—¡A victoria!...

Bruno.—A victoria, a polka ou seja o que fôr. Sem decretos e rigores podes mandar, e...

Clara.—O meu governo é justo.

Bruno.—¡Será! Mas os subditos clamam pelas reformas.

Clara.—Vozes loucas. Deixa-as clamar.

Bruno.—Mas, ouve-as. Dêem aqui as suas razões. Pódes rebatel-as... ¿Não dizes que uma casa deve ser como um reino? Pois hoje os reinos têem côrtes e discutem. A occasião veiu de molde. Os descontentes estão reunidos, dá-lhes a palavra. Façamos um congresso de familia.

Clara.—¿Enlouqueceu decerto?

Frederico.—Peço a palavra, mamã.

Clara.—¡Já para o teu quarto!... (*aos creados*) Vocês já para a cosinha!

Frederico.—Já vou. (*Sae*)

Bento (*a Bruno*)—¡Firmeza! (*sae com Rosa*)

Clara.—(*com gravidade comica*) ¡Estão dissolvidas as côrtes!

SCENA XII

D. Bruno e D. Clara

Clara.—Estamos sós. Quero saber agora a causa d'esta rebellião. ¡Fala!

Bruno (*á parte*)—Se eu soubesse o que havia de dizer-lhe, era bem bom!

Clara.—¿Nega-me obediencia, com que pretexto? Quero saber.

Bruno.—¡Não os ouviste!... Não precisas de mais. Eu mesmo estou queixoso.

Clara.—¿¡Tu?!

Bruno.—Eu. São coisas que pouco valem, mas que os visinhos commentam para se rirem á minha custa. O do lado, D. Romão não vamos mais longe, mette-me á bulha sem dó nem caridade. ¿Porque não mudas as horas do almoço e do jantar?

Clara.—Porque não gosto d'outras. Não transijo com as modas estrangeiras e detesto novidades. Sigo os costumes de meus paes. Cada qual em sua casa é rei, e governa-se, como entende. Os visinhos que façam o que quizerem.

Bruno.—Fazes mal. Devias capitular n'este ponto.

Clara.—Em nenhum. ¡Jantar com luzes accesas! ¿Porque não ceiam ao romper do dia?... Passemos a outra coisa. ¿Que motivo dei a esta revolução, que meu marido sustenta com o seu appoio? ¿Que abusos practiquei?

Bruno.—Muitos. Não queres que se jante com luzes accesas, não deixas o rapaz ir a theatros e reuniões, não consentes que a creada vá dançar, e negas a entrada em casa ao noivo de tua filha, sem razão. ¿Achas pouco? Bem vês que este rigor pertinaz irrita, offende, e cria resistencias. Estás em minoría. Se queres continuar no poder has-de ceder ás reformas e mudar de caminho.

Clara.—Muito bem. Agora eu. ¡Já que te constituiste cabeça de motim, ouve! Não cedo, não faço concessões, não acceito as leis d'esse falso progresso com que tu enches a bocca. Hei-de governar a casa como minha mãe me ensinou e quem não gostar tenha paciencia. Não contem que eu recúe uma linha e sacrifique um ápice do principio de

auctoridade. ¡Não! Pago aos creados, hão de fazer o que mandar. Sou mãe, e meu filho ha-de obedecer-me, e Emilia ha-de casar com quem eu quizer.

Bruno.—¿Então não transiges?

Clara.—Não. Sou a rainha em minha casa e o meu governo é absoluto, e não representativo. Se a rebellião sahir dos cantos da sala e da cosinha, eu a reprimirei... ¡creando até a Inquisição!

Bruno.—¡Horror! ¡Atrocidade!

Clara.—Se queres viver commigo... dentro de casa has de ser submisso...

Bruno.—As razões que dei...

Clara.—Desprezo caprichos e não baixo da minha dignidade a discutil-os...

Bruno.—¡Clara! Mas adverte....

Clara.—Tenho dito. (*Sae*).

SCENA XIII

D. Bruno, Frederico, Bento e Rosa

Bruno.—¡Tenho dito!... ¿E que tal? E' demais.

Frederico.—Ouvi tudo.

Bruno.—(*Espreitando á porta*) ¡Calluda!... Ella póde voltar.

Frederico.—¿Pois teme?

Bruno.—¿Medo eu? Nunca soube o que isso era.

Frederico.—Faça respeitar a sua auctoridade. (*A scena segue muito animada até ao fim*).

Rosa.—O senhor é o dono da casa.

Frederico.—E' quem paga o orçamento.

Bruno.—¡Oh! se pago.

Frederico.—¡E tractam-n'o de resto, ainda em cima!

Bruno.—¡Ah! Pois não dou nem um real mais.

Frederico.—Isso. Renda a praça pela fome.

Rosa.—Muito bem feito.

Frederico.—¡Animo!

Bento.—¡Firmeza!

Rosa.—¡Desplante!

Frederico.—Recobre a sua dignidade. Reassuma os poderes.

Bruno.—Está dito. D'hoje em deante reino eu. ¡Frederico! Podes ir esta noite ao baile.

Frederico.—¡Bravo!

Bruno.—¡Rosa! Podes dançar desde as dez horas até ás duas ámanhã.

Bento.—¿E o meu rol?

Bruno.—Nada de róes.

Bento.—¡Viva!

Rosa.—¿E se a senhora disser que não?

Bruno.—Responde que fui eu que mandei.

Frederico.—Meu pae, lembre-se de que é o chefe da opposição.

Bento.—E' liberdade completa.

Frederico.—Mudança de governo e programma novo.

Bruno.—Pois sim. ¿Mas posso contar com appoio?

Todos.—Conte com todos nós...

Rosa.—Emquanto nos fizer a vontade.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A mesma decoração

SCENA I

Frederico e Eduardo

Frederico—*(entrando F.)* Entra sem receio, Eduardo.

Eduardo.—Disse-te...

Frederico.—Meu pae auctoriza-te.

Eduardo.—¡Mas!...

Frederico.—Falou a teu favor, minha não fez caso, altercaram e D. Bruno, offendido, decidiu reassumir os seus direitos, mostrando energia de caracter. Resolvido a proteger-te, mandou-te chamar. ¡Quando minha mãe te vir, que graça! vae tudo por ares e ventos.

Bruno.—¡Que senhora! Nunca lhe fiz mal. Não sei porque se oppõe.

Frederico.—Diz que a aggravaste muito.

Eduardo.—Não sei em que.

Frederico.—Clama que escreveste a Emilia, pedindo-lhe que illudisse a sua vigilancia e que te falasse.

Eduardo.—¡Mas isso!...

Frederico.—A carta caíu nas mãos de minha mãe e com o genio despotico que tem, jurou que nunca serias seu genro. Receio que meu pae ceda por debilidade e que fiques peor do que estavas.

Eduardo.—E' tambem o meu receio.

Frederico.—Rasão de mais para aproveitar a occasião. Se desejas casar com Emilia, se não queres ver-te obrigado a tiral-a por justiça, como decerto não queres...

Eduardo.—¡Deus me livre!...

Frederico.—E' necessario andar ligeiro e vêr o que fizemos. Se meu pae desanimar...

Eduardo.—Eu o reforçarei.

Frederico.—Vem gente.

SCENA II

Os mesmos e Emilia

Emilia.—¡Frederico!... (*Vendo Eduardo*) ¡Deus do céu!...

Eduardo.—¡Emilia!...

Emilia.—¡Aqui! .. ¡Atreveste-te!...

Frederico.—Veiu por ordem de meu pae.

Emilia.—¡Ai! ¡que desgostos nos esperam! A mamã está ardendo. Não acaba de folhear periodicos para saber como os governos triumpham dos casos de rebellião.

Eduardo.—¡Que ideia singular!

Emilia.—Os jornaes trazem-a com a cabeça pelos ares.

Eduardo.—Do mesmo mal se queixam muitos.

Emilia.—¡Mas se ella vem e te vê!...

Frederico.—Vou chamar meu pae. E' bom que esteja presente... senão estamos perdidos. (*sae*)

SCENA III

Eduardo e Emilia

Emilia.—¡Até que por fim te vejo aqui!

Eduardo.—¡Querida Emilia!...

Emilia.—Estás ao meu lado—alcancei o que mais desejava—e comtudo sinto pezar e alegria.

Eduardo.—¿Porquê?

Emilia.—Se minha mãe te vê, se te despede...

Eduardo.—Teu pae é que me chamou. Conto com elle e com Frederico. Socega.

Emilia.—Temo que a ira de minha mãe rebente, que meu pae nos desampare e que por fim fiquemos ainda peor. Por mais que faça, D. Bruno nunca ousará alçar a voz...

Eduardo.—¿Porquê?

Emilia.—Porque não tem animo para resistir. Já por vezes quiz mandar e acabou sempre por se calar e obedecer.

Eduardo.—Aproveitemos os momentos então, e tractemos de assegurar a nossa felicidade. Teu pae promette proteger-nos hoje, mas ámanhã receio muito que tua mãe torne a reinar. Como ella continúa, porém, na ideia de applicar a uma casa pacifica os exemplos politicos, accommodar-me-hei á sua preoccupação, e pouco e pouco a irei chamando á razão.

Emilia.—¡Mas tu!...

Eduardo.—Tranquilliza-te. Quando todos se apartem d'ella, vou eu offerecer-lhe o meu appoio.

Emilia.—¿¡Pois esperas?!

Eduardo.—Tudo. Para vencer ha-de acceitar o meu voto.

Emilia.—¡Mas aborrece-te!... ¿Como póde isso ser?

Eduardo.—Para salvar o poder ameaçado até um tigre lhe servirá para alliado.

Emilia.—¡Mas estás falando como ella!... (*ri*)

SCENA IV

Os mesmos e Frederico

Frederico.—¡Bem dizia eu!

Eduardo.—¿O que?

Frederico.—Meu pae vacilla.

Emilia.—¿Como?

Frederico.—Está arrependido do que disse e não se atreve a dar um passo. Nem tu alcançarás Emilia, nem eu a liberdade. Vem esforçal-o, pelo amor de Deus.

Eduardo.—Pois sim. Eu lhe infundirei animo.

Emilia.—¿Não dizias que minha mãe é que era preciso attrahir?

Eduardo.—Sim. Mas primeiro que tudo é preciso conservarmos teu pae firme.

Frederico.—Fere-o no amor proprio. E' o seu lado fraco.

Eduardo.—Ouvirás a minha eloquencia.

Emilia.—¡Eduardo, prudencia!

Eduardo.—Hei de pôl-o de pedra e cal.

Frederico.—Deus te inspire. Elle ahi vem. (*saem*)

SCENA V

Eduardo e D. Bruno

Eduardo.—¡Senhor D. Bruno!

Bruno.—¿ Senhor Eduardo... aqui?

Eduardo.—Falei esta manhã com Frederico e disse-me que o senhor D. Bruno accedia aos meus desejos.

Bruno.—¿Aposto que foi esse estouvado que o trouxe a minha casa? Amigo, illudiram-n'o com palavras vans. Tenho muita energia, mas reservo-a para os casos supremos. Reflecti que a mulher deve mandar a familia, e o socego vale tudo. Ora para aqui haver socego é preciso deixar correr as coisas como iam. Peço-lhe, portanto, encarecidamente que sáia. Hei de ir convencendo minha mulher a pouco e pouco...

Eduardo.—Não esperava que, chamado em seu nome...

Bruno.—Tem razão. ¡E' desgraça minha! ¿Mas que quer?

Eduardo.—Sinto-o mais por sua causa do que por mim.

Bruno.—Não o entendo.

Eduardo.—A'manhã ouvirei dizer a todos, que o senhor D. Bruno é um zero em sua casa, e terei de confessar que falam verdade.

Bruno.—¡ Santo nome de Deus ! ¿ Pois ?...

Eduardo.—Quando a mulher manda e o marido obedece em sua casa, o marido é ella.

Bruno.— Mas isso. ¡Voto a Christo !

Eduardo.—Que a mulher governe as creadas e as despezas é justo, que seja alma e alegria da casa é tambem natural, mas que tome a si o mando

absoluto de tudo e tracte o marido e os filhos como escravos, parece-me insupportavel. E' ridiculo.

Bruno.—¡Tem razão!...

Eduardo.—Querer o senhor D. Bruno proteger-me, e não se atrever nem a abrir-me a porta da casa com medo...

Bruno.—¡E' verdade!...

Eduardo.—Dê-lhe uma lição. E' preciso.

Bruno.—Isso desejava eu. Mas aqui para nós, minha mulher tem um genio de vibora. ¡Depois fala tanto nos seus direitos!...

Eduardo.—¿E os direitos do marido? Se manda os outros, deve obediencia ao chefe de familia. Assim o ensinou S. Paulo e a doutrina christã. Se ella o mandasse vestir saias...

Bruno.—¡Saias! ¡Salvas tal logar!...

Eduardo.—Mostre animo, e verá.

Bruno.—¡Alma tenho eu até Almeida!... ¿Mas se ella se insurgir, se me arranhar?...

Eduardo.—Unhadas não são punhaladas. Uma de mais ou uma de menos pouco vale.

Bruno.—¡Conforme!

Eduardo.—A força está da sua parte.

Bruno.—¿Acha?

Eduardo.—Mostre o que póde. Toda a gente por ahi diz que D. Bruno é um João Maricas.

Bruno.—Um João... não posso engulir o appellido. ¡Ah! ¿Elles dizem essa blasphemia? ¡Um João!... estrangula-me a maldita alcunha. ¡Verão! ¿Querem tirar-me do meu serio? Vou ser um leão, um tigre, uma panthera. ¡Conte commigo! Não o hei de deixar mal.

Eduardo.—Bem! Agora vejo um homem.

Bruno.—Não fale tão alto. E' minha mulher. (*assustado*) Não desejo que nos veja juntos.

Eduardo.—O plano caminha bem. ¡Animo! (*sae*)

SCENA VI

D. Clara e Emilia

Emilia.—Socegue, mamã.

Clara.—¿¡Meu marido cabeça de motim?!... ¡Elle sempre docil e pacifico, e feito chefe de sedições! Deus nos livre dos parvos.

Emilia.—(*magoada*) Meu pae não é...

Clara.—E' sim, é um nescio. ¡Appoiar em minha casa o movimento socialista democratico! Rosa, porque não a deixo sair e dançar no Prado; Bento, porque lhe apanho os erros do rol e o não deixo roubar; meu filho, porque me opponho a noitadas e recreações perigosas, ¡conspiram contra mim!... ¡Bem! a revolução será suffocada ¡Mostrarei a meu marido que n'esta casa mando eu!

Emilia.—¡Prudencia, minha mãe! ¡Não queira!...

Clara.—¡Ah! ¿Os revoltosos atropellam a minha dignidade... e rompem as hostilidades? Esmagal-os-hei com mão de ferro como hydras. Para mim todos os meios são bons.

Emilia.—¿¡Todos, mamã?!...

Clara.—¡Todos, repito! O que sinto é não haver em casa bayonetas e peças d'artilharia para os fulminar com balas de 38.

Emilia.—¡Minha mãe!...

Clara.—¡Para reduzir a cinzas os sublevados!

Emilia.—¿Pois havia de arrrasar a casa?

Clara.—A minha pena é não ter com quê. Demais teu pae é que havia de pagar os prejuizos depois de vencido e metralhado. Infelizmente não póde ser. Mas veria em pequeno o que eu seria capaz de fazer em grande.

Emilia.—Pelo amor de Deus, mamã.

Clara.—Vou declarar a casa em estado de sitio, decretando a lei marcial. Veremos se alguem boquêja.

Emilia.—Ouço passos.

Clara.—Sae.

Emilia.—¡ Prudencia !

Clara.—Vae-te. (*Emilia sae*).

SCENA VII

D. Clara e D. Bruno

Bruno.—(*áparte*) Eduardo tem razão. Quero dar-lhe uma lição que a cure radicalmente da mania.

Clara.—Muito me alegro de te ver.

Bruno.—Estimo.

Clara.—Tenho de estranhar severamente o teu procedimento.

Bruno.—Acho curioso. Continúa.

Clara.—¿Foste sempre docil e condescendente, porque te fizeste agora cabeça de motim ?

Bruno.—Porque me pizaste e me doeu. São coisas que todos os dias se vêem. Cancei-me de obedecer, quero tambem mandar. Em creança vivi sujeito a meus paes, a meu irmão mais velho, a todo o genero humano. Depois de casado fizeste de mim um comparsa, abusando da minha bondade e do meu amor á paz. Acabou-se a paciencia, e se o governo é bom, quero tambem ser governo.

Clara.—Em vão.

Bruno.—¿ Porquê ?

Clara.—N'esta casa só eu mando.

Bruno.—¿ Onde está a tua maioria ?

Clara.—Se essa gente me deixar...

Bruno.—¿Chamarás teu filho? (*rindo*).

Clara.—Não digas loucuras.

Bruno.—Nada de contestações. Estamos em crise. Em nome da salvação publica, exijo a tua demissão.

Clara.—Repito. Sou rainha e não abdico.

Bruno.—¡Viva o despotismo!

Clara.—¡Viva! Sempre me proclamei absoluta.

Bruno.—¿Mas se tu és absoluta, eu o que sou? ¿Teu servo? ¡Tem graça!

Clara.—Servo não...

Bruno.—¡Com trezentos... Belzebuths! ¡Falas em inquisição e fogueiras e não sabes que hoje o melhor modo de governar é fingir que se não governa!

Clara.—Eu não. Govérno e digo que govérno.

Bruno.—Isso faz-se, não se diz. Já que tomas esse tom e me tiras do meu descanço, declaro-te que de hoje em deante assumo o poder. Sou teu marido.

Clara—(*Admirada*) ¿Que oiço? ¿Será este o meu esposo? ¿Estarei sonhando?

Bruno—De mim não se zomba. Quem paga deve governar; e eu pago. Quero almoçar e jantar a meu gosto. Se fui até hoje condescendente e tu abusaste, rasão de mais para me fazer respeitar agora.

Clara—Enganas-te. Os que pagam obedecem. Olha para a sociedade e emmudece. O meu direito é incontestavel, e não o cedo. Quero o bem geral.

Bruno—¡Basta dizel-o tu!... (*rindo*) Queres a nossa felicidade á força. Obrigado pela minha parte. O teu poder acabou. De mais o supportámos.

Clara—Bruno, não me irrites. (*toça a campainha*).

Bruno—¿Para que tocas?

Clara—¡Chamo!

Bruno—¿Para que?

Clara—Para veres quem manda. Vou dar as minhas ordens

Bruno—Verás.

SCENA VIII

Os mesmos, Bento, Rosa e depois Frederico

Bento—¡Senhora!

Rosa—¿Chamou?

Clara—(*a ambos*) Rosa e Bento, rua e já; estão despedidos.

Bruno—Fiquem. A casa é minha e ninguem sae.

Clara—(*furiosa*). Não ouviram.

Rosa—Senhora...

Bento—Nosso amo diz que não. (*Entra Frederico*).

Bruno—Disse e repito.

Clara—Frederico, ajuda-me.

Frederico—Não posso, sou neutro.

Bruno—¿Que é isto ?... Escondes-te ? ¿ fazes-te ordeiro ?

Frederico—Não, senhor, mas o respeito devido a minha mãe...

Clara—Has-de obedecer-me, não te recolhendo tarde?

Frederico—Perdôe, mamã. Tive licença de meu pae e hei de usar d'ella.

Clara—¡Pois bem! ¡Fogo na casa!

Bruno—¡Alto lá! Não puz no seguro roupas nem mobilia.

Clara—¡Perverso ! ¿¡ Zombas de nós todos ?!

Bruno—Mulher, não me tires o amor da paz.

Clara—¡Hypocrita ! ¡Libertino ! Eras um anjo e estás tornado um demonio. Mas caro te ha de sair, juro.

Bento—Nossa Senhora nos acuda.

Clara—Vou invocar o auxilio das leis. Na tua estupidez queres fazer de mim alvo do escarneo! Queres expôr-me ao riso dos creados?!...

Bruno—¿E que mais?

Clara—Para te castigar vou requerer o divorcio.

Bruno—¿Porque? A justiça não te escutaria.

Clara—¿Quando me negas os direitos da mulher?!

Bruno—Ouve. No dia em que casámos, disse-te o padre: Ame e respeite este homem. E' seu marido e seu senhor. Deve-lhe obediencia.

Clara—E' falso. O padre não disse isso.

Bruno—Por tal signal que disse tambem que o meu dever era amar-te, respeitar-te, vestir-te e sustentu-te. Amo-te e sustento-te, e por isso não podes queixar-te.

Clara—¡Atreves-te!... ¡Que infamia! A ira suffoca-me.

Bruno—Pois toma ar. (*a todos*) Venham commigo. (*a Clara)* Até logo.

SCENA IX

Clara, depois Eduardo

Clara—¿Isto é sonho, realidade? ¿Quem mudou assim a indole de meu marido? ¿Que vejo? (*vendo Eduardo*) ¿Este homem aqui? Agora percebo tudo.

Eduardo—(*áparte*) Ahi está. Lisongeemos-lhe a mania. (*alto*) ¡Senhora!

Clara—Estou-o vendo n'esta casa e ainda não o posso acreditar.

Eduardo—Soube que se oppoz á minha entrada, mas por acaso soube tambem a discordia deploravel que n'este momento altera a ordem publica, e aproveito a occasião para lhe offerecer o meu appoio. Longe de mim abusar do estado em que a vejo.

Clara—¿¡O seu appoio!? ¿Que novo enredo é esse?

Eduardo—Nenhum. Amo Emilia, mas nunca serei seu esposo se não alcançar o consentimento materno. Respeito a, minha senhora.

Clara—Não me illude. Li os seus papeis subversivos

Eduardo—Vejo que interpretou mal uma carta innocente.

Clara—Pelos factos julguei-o culpado.

Eduardo.—Já sabia que tinha incorrido na sua animadversão, mas sem motivo, por isso...

Clara—A carta que lhe roubou a minha amizade.

Eduardo—Se errei, quero emendar-me e reparar o mal. Conte com um alliado para tudo e contra todos.

Clara—¿Todos?

Eduardo—Sim. Mesmo contra Emilia. Se duvida experimente. Não quero que attribua ao interesse a minha sinceridade. Se lhe alcançar triumpho completo, se a paz e a concordia voltarem a esta casa, se me conceder a mão de Emilia, acceitarei da sua bocca a felicidade; mas se m'a negar, retirar-me-hei submisso e resignado.

Clara—Persuadiu-me. E' generoso; mas não ha de arrepender-se. ¿Como faremos cair meu marido que é o chefe da opposição?

Eduardo—Ha só um meio. Deixe correr o tempo.

Clara—Não me fio do tempo. Em politica os momentos são preciosos. Meu marido é o mais forte, mas protesto vencel-o na lucta civil.

Eduardo—Entretanto uma transacção.

Clara—Nada de transacções. Nada de pannos quentes.

Eduardo—Tenha paciencia. Em toda a parte os governos cedem ao congresso.

Clara—¡Deus nos livre de congressos! Frederico e os creados votam de seguro por meu marido...

Eduardo—Se ao menos elle consentisse...

Clara—Esta manhã propoz um congresso de familia, mas conhecendo o...

Eduardo—¿Que fez?

Clara—Dissolvi as côrtes.

Eduardo—E' preciso abril-as, e para calar o povo demittir-se a senhora. Siga o caminho direito e verá...

Clara—¿¡Demittir-me?! Primeiro me ha de ver morta.

Eduardo—Deixe os governar, e com elles a desordem e a anarchia. Porfim, desanimados, virão deitar-se-lhe aos pés e pedir-lhe que os salve. E' um estratagema velho, mas infallivel.

Clara—Decerto. Atraz da anarchia a dictadura. Estou decidida. (*toca a campainha.*) ¡Venham todos! *(á parte)* Este Eduardo é um portento. Em dois dias devoram-se uns aos outros.

Eduardo.—¡Prudencia!

Clara.—Socegue ¡Que effeito vou produzir! Ficam absortos, parvos.

SCENA X

Os mesmos, D. Bruno, Frederico, Rosa, Bento e Emilia

Bruno.—¿O que é? ¿O que aconteceu?

Emilia.—¿Chamou?

Clara.—Sim. Conheci o meu erro e quero falar-vos.

Bruno.—¿De que?

Clara.—O meu génio é impetuoso, mas passa-me depressa. Desejo a paz e por minha causa não ha de haver disputas. ¡Dou a demissão! (*Aspecto geral*) Mas antes...

Bruno.—Áparte—¿O que irá dizer?...

Clara.—Desejo discutir o programma do novo governo. Tudo se concilie. Estamos reunidos, celebremos um congresso de familia.

Bruno.—¡Muito bem! E' o que eu pedi esta manhã. ¡Optimo!

Clara.—Pois sim. Haja discussão... ¡Aqui é o banco da corôa! (*põe uma cadeira á direita*). Os ministerios para este lado. (*Emilia e Eduardo vão para lá*). ¡Alli é a opposição! (*Aponta para a esquerda. Frederico vae para lá*) Está aberta a sessão (*Os creados vão para se sentar á esquerda*). Os bancos da esquerda não são para os creados. Não gozam dos direitos de elegiveis ou de eleitores.

Bruno.—Acho injusto excluil-os. Todos devem ter voto. Suffragio universal.

Clara.—Não concordo. Estamos n'uma monarchia.

Frederico.—Parece-me...

Clara.—¡A'ordem! Votem só os que podem ser governo.

Bruno.—Ao menos se a falta de senso legal os exclue da urna, que vão para a tribuna e representem o povo.

Clara.—Isso pode ser. As galerias são mudos espectadores.

Bruno.—Aqui é a tribuna publica (*põe cadeiras nos flancos; áparte*) ¿Que tal vae saindo o senhor D. Eduardo? ¿Não me fez ministerial? (*alto*) Está aberta a sessão.

Clara.—Peço a palavra.

Bruno.—Tem a palavra.

Clara—(*levantando-se*). Accusam o meu governo de despotico e violento. Desejo evitar conflictos e...

Bruno—(*levanta-se e falando com pausa, como quem discorre de repente*). Todos viviam satisfeitos. Tu mandavas e nós obedeciamos pontualmente. Os esplendores do poder deslumbravam-te; abusaste do

poder e desprezaste as nossas justas petições. O teu rigor provocou a revolução. (*Approvação de Frederico e dos creados*) ¡Em circumstancias tão criticas, receando que um motim estalasse, e que immensas desgraças opprimissem a casa, interpuz-me!...

Frederico.—¡E eu tambem!...

Clara.—¡Cale-se, revolucionario! ¡Desordeiro!

Emilia.—Peço a palavra.

Bruno.—De todos fui o mais queixoso, porque não me respeitaste como chefe e como esposa. Mas sacrifico de bôa mente os meus aggravos ao bem commum. Disse. (*senta-se*).

Emilia—O deputado... papá alguma rasão teve não o nego; mas se não me engano, affirmou que todos aqui se queixavam do governo, e devo declarar que eu não disse nunca bem nem mal d'elle.

Frederico—¡Que duvida! Se eras uma das voragens do orçamento. ¡A valida querida do poder! Fazia o que queria

Emilia—Como os outros. ¡Era um governo de ordem!

Frederico—¡Porque mandava a teu gosto!

Emilia—Ah! ¿Queres que a verdade appareça? ¡Dize! ¿De que o accusas? Porque lhe declaraste opposição implacavel? ¿Porque reprimiu os teus excessos, contendo-te dentro dos limites da lei, não te deixando ser um estroina.

Frederico—¡Atrevida!

Bruno—(*toca a campainha*) ¡Ordem! ¡ordem! ¿Que modo de falar é esse? Não posso permittir que se armem fabulas, que se devasse as intenções, que se profane o sacrario impenetravel da consciencia. ¡A' ordem!

Rosa—(*áparte para Bento*) Porque estará tão calado o senhor Eduardo?

Clara.—Desejo discutir o programma do novo governo. Tudo se concilie. Estamos reunidos, celebremos um congresso de familia.

Bruno.—¡Muito bem! E' o que eu pedi esta manhã. ¡Optimo!

Clara.—Pois sim. Haja discussão... ¡Aqui é o banco da corôa! (*põe uma cadeira á direita*). Os ministerios para este lado. (*Emilia e Eduardo vão para lá*). ¡Alli é a opposição! (*Aponta para a esquerda. Frederico vae para lá*) Está aberta a sessão (*Os creados vão para se sentar á esquerda*). Os bancos da esquerda não são para os creados. Não gozam dos direitos de elegiveis ou de eleitores.

Bruno.—Acho injusto excluil-os. Todos devem ter voto. Suffragio universal.

Clara.—Não concordo. Estamos n'uma monarchia.

Frederico.—Parece-me...

Clara.—¡A'ordem! Votem só os que podem ser governo.

Bruno.—Ao menos se a falta de senso legal os exclue da urna, que vão para a tribuna e representem o povo.

Clara.—Isso pode ser. As galerias são mudos espectadores.

Bruno.—Aqui é a tribuna publica (*põe cadeiras nos flancos; áparte*) ¿Que tal vae saindo o senhor D. Eduardo? ¿Não me fez ministerial? (*alto*) Está aberta a sessão.

Clara.—Peço a palavra.

Bruno.—Tem a palavra.

Clara—(*levantando-se*). Accusam o meu governo de despotico e violento. Desejo evitar conflictos e...

Bruno—(*levanta-se e falando com pausa, como quem discorre de repente*). Todos viviam satisfeitos. Tu mandavas e nós obedeciamos pontualmente. Os esplendores do poder deslumbravam-te; abusaste do

poder e desprezaste as nossas justas petições. O teu rigor provocou a revolução. (*Approvação de Frederico e dos creados*) ¡Em circumstancias tão criticas, receando que um motim estalasse, e que immensas desgraças opprimissem a casa, interpuz-me!...

Frederico.—¡E eu tambem!...

Clara.—¡Cale-se, revolucionario! ¡Desordeiro!

Emilia.—Peço a palavra.

Bruno.—De todos fui o mais queixoso, porque não me respeitaste como chefe e como esposa. Mas sacrifico de bôa mente os meus aggravos ao bem commum. Disse. (*senta-se*).

Emilia—O deputado... papá alguma rasão teve não o nego; mas se não me engano, affirmou que todos aqui se queixavam do governo, e devo declarar que eu não disse nunca bem nem mal d'elle.

Frederico—¡Que duvida! Se eras uma das voragens do orçamento ¡A valida querida do poder! Fazia o que queria

Emilia—Como os outros. ¡Era um governo de ordem!

Frederico—¡Porque mandava a teu gosto!

Emilia—Ah! ¿Queres que a verdade appareça? ¡Dize! ¿De que o accusas? Porque lhe declaraste opposição implacavel? ¿Porque reprimiu os teus excessos, contendo-te dentro dos limites da lei, não te deixando ser um estroina.

Frederico—¡Atrevida!

Bruno—(*toca a campainha*) ¡Ordem! ¡ordem! ¿Que modo de falar é esse? Não posso permittir que se armem fabulas, que se devasse as intenções, que se profane o sacrario impenetravel da consciencia. ¡A' ordem!

Rosa—(*áparte para Bento*) Porque estará tão calado o senhor Eduardo?

Bento—(*a Rosa*) Será deputado mudo. Guarda-se para a votação. E' o seu forte.

Clara—(*levantando-se*) Ouvi com indignação as allusões e falsidades que se me dirigem. Tu fazes opposição a tua mãe, e levantas a voz porque a estupidez de teu pae te anima o arrojo...

Bruno—Peço a palavra para uma explicação pessoal.

Clara—Ha muito que suspirava pelo remanso da vida particular. Os espinhos do poder magoam muito. Como todos querem que meu marido governe, entrego-lhe a pasta. Só exijo que explique o seu programma.

Bruno—(*levantando-se*) Vou responder. Acceitando o pezado encargo que me confere a honrosa confiança do povo, exporei sinceramente as bazes da politica da nova situação. (*pausa*) Cada um fará o que quizer. Todos poderão saír de dia ou de noite, a pé ou de carruagem... (*applausos*) Liberdade ampla. (*applausos*) Quero as sympathias geraes. ¡Jantar e almoçar á franceza e... diminuição em todas as despezas da casa!

Clara—¿Cuida o preopinante que essa politica é conveniente?

Bruno—Creio e juro. ¡A experiencia o provará!

Clara—Não me inclino a innovações. ¿Que vantagens esperas da cosinha á franceza?

Bruno—Comemos a nosso gosto, eu e os outros.

Clara—¡Não todos!

Bruno—A maioria pelo menos. ¡Menina! Hoje é a moda. Ceia-se de dia.

Clara—De dia janta-se.

Bruno—¡E' de pau e bem bonito, é de pau e tenho dito! ¡Em tu teimando!

Clara—No tempo em que não eramos francezes, havia almoço, jantar e ceia.

Bruno—As ceias são velharias fosseis. Proponho a proscripção da ceia.

Clara—Podem votal-a. Opponho-me. ¿E teu filho o que pede?

Frederico—Uma coisa justa. Não sou nenhuma creança...

Bruno—Aquillo é verdade...

Frederico.—Quero recolher-me como os homens.

Clara.—¡Pois não! ¡Que linda vida! Vir para casa ás duas e ás tres da noite... á moderna.

Bruno—¿Nunca entenderás que não se vive já á antiga?

Clara.—¡Bem! ¡Bem! Farás o que entenderes. Lavo as mãos.

Bruno.—Dei todas as explicações sobre o meu programma. Passemos á votação.

Clara.—Requeiro votação nominal.

Bruno.—Approvado.

Eduardo.—¿Emilia?

Emilia.—¿O que?

Eduardo.—Voto com tua mãe, e tu... (*aponta para o pae*).

Emilia.—Entendo.

Bruno.—Os que sustentam a minha politica e querem o meu governo, dizem: approvo. Os que a combatem, dizem: rejeito... ¿Emilia?

Emilia.—Approvo.

Clara, (*indignada*).—¡Oh!

Rosa.—A menina virou a casaca.

Bruno.—¿Frederico?

Frederico.—Approvo.

Clara.—¡Que bella sova merecias!...

Bruno.—¿Eduardo?

Eduardo.—¡Rejeito!

Bruno.—Eu approvo.

Rosa.—¡Bravo! O senhor elegeu-se a si.

Bento.—E' o costume. Não achou missão melhor.

Clara.—Triumphante.

Bruno.—Venceu o meu partido. Fui eleito. Está fechada a sessão.

Clara a Eduardo.—Falhou o nosso plano.

Frederico—Alcancei o que desejava.

Rosa—Vou ao baile.

Bento—Levou a bréca o rol.

Bruno—¡Senhores! Eu é que mando. Escutem. E' preciso começar por medidas fortes...

Rosa—(*Alegre*). A sua vontade será a nossa.

Frederico—A sua bondade inspira confiança a todos.

Bento—Conte comnosco.

Emilia—Obedeceremos sempre.

Bruno—(*Com imperio*). ¡Rosa! ¡Bento¡ Busquem outra casa. Não me servem. (*Assombro geral*).

Rosa—¿Despede-nos?!

Bento—Mas eu...

Bruno— Estão demittidos.

Emilia—Papá...

Frederico—¡São bons creados!...

Bruno—Sigo as regras constitucionaes. Os empregados de confiança cáem com o governo.

Clara—¿Que oiço? ¿Pois é possivel?...

Bento—¿Mas o que fiz eu, patrão?

Bruno—Não me convens. E's muito exaltado d'ideias!

Frederico—¿Só?...

Bruno—¿Achas pouco?

Rosa—¡Isto brada aos ceus!

Bento—Que é feito do seu programma liberal.

Bruno—¡Programmas e pennas, o vento os leva, o vento os traz! Pois ainda te fias em programmas ¿lorpa? (*rindo*). Aprende á tua custa.

Clara—¿Que tal nos vae saindo o senhor Bruno?

Frederico—Mas, veja meu pae...

Clara—Este começa pelo fim.

Rosa—Pondo todos na rua.

Bruno—Estavam altanados com a revolução. Não quero a anarchia em casa.

Frederico—Consinta, papá...

Bruno—Não consinto nada. Para o seu quarto estudar e já.

Frederico—¿Mas a licença de recolher tarde?

Bruno — Não quero noitadas. Eduardo!... Para sua casa.

Eduardo—¿¡ Eu ?!...

Emilia—¡ Ah !

Clara—¿¡ Bruno endoideceria !?

Bruno— Não admitto namoricos em uma casa seria.

Emilia—Mas, senhor...

Clara—Bruno, attende...

Emilia—¡Papá!...

Rosa—¡Que traição!

Bento—¡Que tyrannia!

Bruno—¡Silencio! Ouvir é obedecer diz a lei turca, e eu govérno á turca. ¡ Nem mais pio !... Senão decreto a lei marcial e ai dos que resistirem.

Clara—Mas vê, marido...

Bruno—(*Imperioso*). Não quero ver nada, senhora. Emmudeça tambem. O meu governo não capitula nem cede. Constituo uma situação forte e energica. (*Erguem todos os braços ao ceu*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

A mesma decoração

SCENA I

Rosa e Bento

Bento.—¡Bonita a fizeste!

Rosa.—¿Eu?

Bento.—¡Zombaste do patrão!... Bôa maneira de te conservares na casa.

Rosa.—¡Ora!... Gostei, fui-me deixando ficar e afinal quando dei por mim no baile, eram mais de dez horas!...

Bento.—¡Dize onze, que dizes a verdade! Repito: deitas-nos a perder. Não te lembras de que estamos aqui como creados interinos.

Rosa.—Bem sei. Emquanto procuram outros. ¡Por isso mesmo! ¿Para que me hei de cançar a obedecer a amos tambem interinos? Muito favor lhes fazemos, assim mesmo.

Bento.—¡E o menino tambem! ¿Sabes que deitou as mãosinhas de fóra.

Rosa.—Não.

Bento.—¡Deram as nove, deram as dez, e nada de apparecer!... Desde que o senhor Eduardo não

vem cá, conseguiu enganar o pae, e taes coisas lhe metteu na cabeça...

Rosa.—¡Oh! Decerto. Por tolo ninguem o leva.

Bento.—Arranjou-te licença para ires ao baile e para si alcançou o passar a noite fóra. Mas... (*rindo*) abusaram ambos, e o velho está lá dentro berrando e blasphemando. ¡Armaram-a boa!

Rosa.—Deixa-te d'isso. O patrão não mette medo a ninguem. No fim está sempre pelo que os outros querem.

Bento.—Fia-te na virgem e não corras... Hontem não brincava.

Rosa.—¡Pois sim! Durou-lhe pouco. ¿Logo depois não o viste macio como um velludo?

Bento.—E' verdade... mas não é bom desgostal-o. Toma o meu conselho.

Rosa.—O mundo é muito grande. Ha mais casas em Madrid.

Bento.—Bem sei. Mas vale mais um certo do que dois te darei.

Rosa.—¡Deixa lá!

SCENA II

Os mesmos e Eduardo

Eduardo.—(*ao Frederico em voz baixa*) ¡Rapazes!

Bento.—¿Que é?

Rosa.—¿O senhor Eduardo?

Eduardo.—¿O senhor Bruno está cá?

Bento.—É ainda não saiu do quarto.

Eduardo.—¿E a senhora?

Rosa.—Tambem.

Eduardo.—Dize á senhora D. Clara que preciso fallar-lhe (*Rosa sae*)

Bento.—¿Pois desterrado d'esta casa, o senhor atreve-se?

Eduardo.—Atrevo.

Bento.—¿E se o patrão vier e o vir?...

Eduardo.—¡Viu-me. Não tenhas cuidado! Vae-te e toma. *(dá-lhe dinheiro)*

Bento.—¡Sou um pato mudo! Elle que assim compra o silencio do povo, é porque não intenta coisa boa!

SCENA III

Eduardo e D. Clara *(Rosa passa ao fundo)*

Clara.—¿Aqui?

Eduardo.—Esperava pela senhora.

Clara.—¿O que quer? O seu procedimento foi tão estranho.

Eduardo.—Nada d'isso teve...

Clara.—Por seu conselho dei a demissão. ¡Veja a boa obra que fez!

Eduardo.—E não me arrependo. Quiz que a senhora perdesse a rotação. No estado das coisas, era um mal excessivo. Não podia governar em paz e carecia de que o desengano de todos a chamasse outra vez ao poder.

Clara.—¡ Ah!

Eduardo.—Seu marido depressa se enfastia. Desesperado porque a creada se recolheu ás 11 da noite sem licença, e porque Frederico saiu e ainda não voltou, brevemente abdicará a seus pés...

Clara.—¿¡Frederico?!... Dá-me cuidado. ¿Sabe?...

Eduardo.—Não se assuste. O senhor Bruno reina ha 24 horas e já está cançado do poder. Os creados não lhe obedecem, o filho passa a noite fóra,

a senhora pede dinheiro e augmenta as despezas, Emilia requer vestidos e enfeites, eu para não ficar para traz exijo dote... Verá como no meio de tantos pedidos, elle perde a paciencia e alija a carga ao mar.

Clara.—¿¡ Sim, mas Frederico ?!...

Eduardo.—¡ Sei onde está ! Posso trazer-lh'o. ¡ Mas prudencia ! ¡ Serenidade !

Clara.—Confio na sua lealdade. Não me deixe mal.

Eduardo.—Socegue. (*Sae*).

SCENA IV

Clara, pouco depois D. Bruno

Clara.—¡ O' politica moderna ! ¡ Systema diplomatico ! ¡Quem melhor engana, melhor caminha!... Ahi vem meu marido. Assestemos as baterias.

Bruno.—¡ Frederico abusa assim da minha bondade !

Clara.—Preciso falar-te.

Bruno.—Não são horas de audiencia.

Clara.—Falo ao marido e não ao governo.

Bruno.—Tens rasão. Não me lembrava. Exerço tambem o officio de marido. Podes falar.

Clara.—Entraram as modas em casa e temos de variar o nosso modo de vida. Mandaste, e eu obedeço, bem vês. Mas indo tu e Frederico aos serões e cafés, não é justo que Emilia e eu fiquemos em casa.

Bruno.—¡Concordo !... (*suspira*).

Clara.—Havemos de viver á noite, segundo a moda.

Bruno.—¡ Está claro !... (*suspira*).

Clara.—Portanto aluga-me camarotes na Opera e no Theatro.

Bruno.—(*áparte*) ¡ Os mais caros !... (*gemido profundo, alto*) Menina, repara que esses espectaculos custam um dinheiro louco, e não o valem. As emprezas abusam.

Clara.—Será assim, mas a moda quer que todos se finjam millionarios e não hei de ficar atraz. Preciso de vestidos, de cintos, de toucados e de flôres, para apparecer como quem sou. ¡ Joias primeiro que tudo ! ¡ Oh ! Pelo menos havemos de dar duas reuniões por semana.

Bruno.—Resta saber se o thesouro póde com o orçamento.

Clara.—Com isso não tenho nada. Promulgaste a lei, cumpre-a. ¿ Queres progresso, civilisação, esplendor ? ¡ Paga ! Não se governa á moderna de graça.

Bruno.—¿¡ Não sei onde iremos parar, mulher ?!... ¿ As receitas não chegam, temos *deficit* e serei obrigado a levantar emprestimos ?... Provocas a crise financeira.

Clara.—Já te disse. Isso é comtigo. Quero o meu quinhão de novidades. Passaremos o inverno no theatro e reuniões, e o verão no campo e nos banhos.

Bruno—¡Obrigado!... No campo e nos banhos. (*aperta a cabeça com as mãos*).

Clara--E' evidente. Só janotas, como nós eramos, ficam na cidade a engulir ondas de pó e a torrarem-se ao sol nas ruas. No verão vae-se para Biarritz e Vichy.

Bruno—Isso não pode ser... (*passeia agitado*).

Clara—Pode e ha de ser. E' ponto em que não cedo.

Bruno—Mas eu não pago, não dou um real.

Clara—¡Veremos! ¡Tinha graça! ¿¡Decretas o governo á moderna e negas-me a minha parte?! ¡Não!

Bruno—Prometto diminuição nas despezas.

Clara—Estimo. Começa-as por ti. Demais é costume velho prometter e faltar.

Bruno—Principiei reduzindo um terço na soldada dos creados...

Clara—¡Excellente! ¿Estreaste as economias pelos pequenos? Olha, Bruno, vou mandar chamar a modista para me fazer tres vestidos; e como chove a miudo e não podemos ir a pé ás reuniões e ao theatro, tens de me alugar carruagem.

Bruno—Decerto. Quando chover. (*áparte*). ¡Deus do Céu! ¡Está chovendo!

Clara—Toma sentido. Se te fizeres tyranno, se me negares o dinheiro, fica sabendo que pedirei e não ignores que tenho muito quem m'o empreste.

Bruno—Fala com sinceridade. O teu fim é metter-me medo, ¿assustar-me?...

Clara—Enganas-te. Quizeste viver á moda, vivamos. Estou prompta. Hoje é uso vulgar não se olhar a despezas, é gastar o dobro do que ha. O calote e a trapaça supprem os orçamentos. ¡Reinam os usurarios!... Façamos o que muitos fazem. ¿Não chega? Pede-se emprestado. ¿Não ha? Não se paga. Dorme-se de dia e vela-se de noite. Quebram-se os olhos dos maldizentes com perolas falsas e diamantes.

Bruno—Pois se estás falando serio, vou dizer-te serio tambem o que determino.

Clara—Fala.

Bruno—Mandarei uma circular a todos os estabelecimentos aonde és conhecida, para que não fiem de ti um metro de seda, nem um gramma de retroz. Vou apertar as despezas da casa. Illudes-te cuidando que me levas pelo beiço a mim. Verás que não se brinca commigo. E' preciso diminuir o orçamento que vae de foz e fóra. ¡Agora mando eu! Obedeci por muito tempo, hoje reino e quero ser absoluto. (*sáe*).

SCENA V

D. Clara e depois Eduardo

Clara—¿Sim? Pois vou empenhar tudo no Monte-Pio; e se quizeres as coisas, has de lá ir buscal-as. ¡Veremos quem cede!... (*rindo*) ¡Foi-se!... ¡Em que estado o puz!... A's vezes chego a ter dó d'elle!...

Eduardo—(*entrando*). Senhora...

Clara—¿Já?

Eduardo—Encontrei Frederico. Não se atreve a entrar de envergonhado.

Clara—Nunca imaginei que se atrevesse...

Eduardo—Jogou e perdeu... Por isso...

Clara—¡Jogou! ¡Que impiedade!... ¿Para isso é que pediu a liberdade?

Eduardo—Perdeu muito.

Clara—¡Ah! ¿¡E seu pae deu-lhe dinheiro?!...

Eduardo—Não. O receio de Frederico é que venham pedir ao senhor Bruno o que elle perdeu sobre palavra.

Clara—Meu filho... ¡merecias!...

Eduardo—E' verdade. Mas se não pagam por elle, os paes ficam ridiculos.

Clara—Bem sei. Não quero vêl-o. ¡Aqui tem os fructos da minha demissão!

Eduardo—O justo castigo dos sublevados, deve dizer.

Clara—Eu neguei-lhe sempre a licença, prevendo...

Eduardo—Um mal inevitavel. Se continuasse no governo succedia o mesmo, com differença da responsabilidade ser sua. Frederico fugia-lhe de casa.

Clara—(*indignada*) ¿¡Pois atrever-se-hia!?...

Eduardo—Atrevia-se a tudo. E o senhor Bruno, ainda em cima, havia de accusar a severidade da mãe, pelo erro do filho.

Clara—E' verdade.

Eduardo—Frederico abusou da liberdade que lhe deram.

SCENA VI

Os mesmos e Emilia

Emilia—(*com um papel na mão*) ¡Que desgraça, mamã!...

Eduardo—¿O que é?

Clara—¿¡Teu irmão?!

Emilia—Nada.

Clara—¿Que papel é esse?

Emilia—¡Eduardo!

Clara—¡Mas fala!

Emilia—Deixe-me respirar.

Clara—Respira, mas dize.

Emilia—A mania politica transtornou a cabeça de meu pae. Está como louco.

Clara e Eduardo—¿¡Louco?!...

Emilia—Sim.

Clara—¿O que fez?

Emilia—Chamou-me agora muito enfadado, e diz-me: «¡Heide fazel-os tremer! (*imita a voz de Bruno*) ¡Affixe já este edital na porta da sala!» ¡Que olhos, mamã! ¡Que voz! ¡Ai!... ¡Ainda não estou em mim!

Eduardo—Vejamos o edital. (*pega n'elle*).

Clara—Leia.

Eduardo—(*lendo*) «Nós Bruno Caldeira Sandoval, jus-

tiça d'esta casa ou nação, por graves motivos que nos foram presentes, resolvemos e apraz-nos decretar a lei marcial, declarando de estado de sitio a sala, a saleta, a cosinha, e suas adherencias e dependencias. Sendo a rebellião o maior crime contra a tranquillidade, e convindo por todos os modos atalhar os flagellos da anarchia, hei por bem ordenar: 1.º Que ninguem escreva nem cartas, nem roes, sem auctorização prévia do governo; 2º Que ninguem n'esta casa ouse formar bando, ou ajuntamento de mais d'uma pessoa; 3º Que ninguem se atreva a falar do presente edital, em bem ou em mal, mas para o louvar; 4.º E' prohibido tossir e escarrar em publico; 5.º O aguadeiro não entrará em casa, nem a cosinheira escumará a panella, sem auctorização superior. Os delinquentes serão julgados summariamente em conselho de guerra. A carvoeira é elevada á categoria de prisão cellular, para os crimes qualificados n'este edital. Paço aos 12 de junho do anno actual. Assignado. Bruno Caldeira Sandoval.»

Clara—¡Jesus!

Eduardo—Loucura rematada.

SCENA VII

Os mesmos e Bruno

Bruno *(entra)* ¿¡Ajuntamento de tres?! ¡Conselho de guerra! Prisão cellular.

Clara—¿Enlouqueceste homem?

Bruno—¿Quem é o governo aqui? ¿Tu ou eu?

Clara—E's tu, ¡por desgraça nossa!

Bruno—Pois se sou eu, mando todos para a carvoeira.

Clara—¡Não sejas nescio!

Bruno—¿Resistes?

Clara—¡Rio me que é mais! (*ri-se*).

Bruno—¿¡Revolução declarada?!... ¿¡Desobediencia publica?! Vou buscar a clavina. ¡A força os ensinará! São criminosos.

Clara—¿Porque?

Bruno—Infringiram o edital.

Eduardo—¿Qual edital?

Bruno—¿Que é isto?! ¿Emilia? Deixaste o edital em cima da meza? Affixa-o já onde te ordenei.

Clara—¡Editaes nas portas das salas!... ¿Onde viste isto?

Bruno—Em parte, nenhuma. E' invenção minha. ¿E depois?

Clara—¡Boa invenção! Equivale a pôr escriptos no senso commum.

Emilia—Aqui não pega o papel, papá. (*Eduardo sae*)

Bruno—Mando que pegue.

Clara—Opponho-me.

Bruno—¿Oppões-te? ¿Resistes á lei? Olha que te fuzilo como rebelde. ¿Não queres editaes em casa nem conselhos de guerra? Has de engulir a pilula ainda que te peze. ¡Tu o dizias! A casa é como uma nação pequena. Vou dividir os quartos com lettreiros. Em um porei: Congresso. E' inutil accrescentar que estará sempre fechado. Em outro porei: Thesouro. Esse ha-de abrir-se poucas vezes. Alli é a Opinião aqui o Banco.

Emilia—¿O Banco?!

Bruno—E quem ousar trocar uma nota... morra por ello.

Clara—Ha-de ficar bonita a casa com tantos lettreiros!

Bruno—Fica tal qual como um reino; teremos rei, vassallos, erarios, bancos, desterros, prisões...

Clara—Mas attende...

Bruno—Não quero ouvir nada.

Clara—Teu filho...

Bruno—¡Tornarei a apanhal-o! Conselho de guerra e carcere com elle... digo... prisão cellular.

Clara—Jogou e perdeu.

Bruno—¡Ah! ¿Mais essa proeza? ¡Castigo exemplar! ¡Pena ultima!...

Clara—(*indignada*). ¿Que dizes, homem? Endoideceste por força. ¡Pena ultima!...

Bruno—¡Chiton! ¡Nem pio!

Emilia—¡Meu pae! (*apparecem ao F. Eduardo Rosa e Bento*).

Bruno—Aqui não ha pae por filho nem filho por pae. Ha um governo forte que não vacilla nem perdôa. Sou uma fera administrativa.

SCENA VIII

Os mesmos, Eduardo, Bento e Rosa

Eduardo—(*baixo*). ¿Ouvem? ¡E' uma fera!...

Rosa—(*baixo*) ¡O senhor ha de ajustar-me contas! Quero ir-me embora de sua casa.

Bruno—¿Queres?... veremos isso...

Bento—Procure creado.

Bruno—¡Ah! Repara...

Bento—Já reparei. Amos que mandam fuzilar a gente de casa não me servem. ¡A minha conta!

Clara—Revê te na tua obra, ¡barbaro!

Rosa—¡Ser creada interina e ainda em cima correr estes perigos!...

Bruno—¡Calem-se todos!
Clara—¡Elles teem rasão!
Bruno—Quer tenham quer não. Aqui ninguem sae e niguem entra!
Clara.—Foste eleito por um congresso. Convoca as côrtes e o que ellas decidirem...
Bruno.—¡Não! As côrtes estão dissolvidas e se acaso reunirem, metralho-as.
Clara.—¡Perdeu de todo o juizo!...
Eduardo.—Lembra-me uma maneira de congraçar todos.
Bruno.—¡Olá, meu querido amigo! Não se metta aonde não é chamado. O senhor é um intrigante e um perturbador do socego publico. Vá para sua casa, tenha a bondade, e dê muitas graças á minha clemencia. Devia mandal-o fuzilar.
Eduardo.—¡Fuzile, mas oiça!...
Bruno.—Não estou disposto.
Eduardo.—As pessoas sisudas ouvem até o inimigo.
Bruno.—Mas eu...
Eduardo.—Peço-lhe.
Bruno.—Pois bem, concedo-lhe uma audiencia.
Eduardo.—(*aos outros*) Saiam. Deixem-me só com elle.
Clara.—¿E Frederico?
Eduardo.—Está perto. (*sae; Eduardo fecha a porta*)

SCENA IX

D. Bruno e Eduardo

Bruno.—¿O que deseja? Fale.
Eduardo.—Quero que o senhor Bruno cáia em si, e que acabemos esta comedia.

Bruno.--Não entendo.

Eduardo.--O que fizemos foi para dar uma lição severa em sua mulher.

Bruno.--Deve ser isso. ¿Que mais?

Eduardo.--A lição está dada. E' preciso tornarmos ao bom caminho.

Bruno.--Os seus conselhos são muito bons mas não me servem. O senhor fingindo-se meu amigo votou com minha mulher.

Eduardo.--E' verdade; mas pedi a Emilia que votasse com o senhor Bruno. Desejava congraçar-me com sua mulher, e em todo o caso ella sempre ficou vencida.

Bruno.--Agora percebo. ¡Sempre é um espertalhão!...

Eduardo.--A senhora D. Clara já confessa que uma casa não é um reino, e bem castigada ficou. Frederico pagou caro a liberdade appetecida. Até os creados arrependidos, juram obedecer sem tornarem a abrir a bocca.

Bruno.--¡Mas o maldito rapaz jogou!...

Eduardo.--Não importa.

Bruno.--Essa é boa ¿E quem paga?

Eduardo.--Eu.

Bruno.--¿O senhor? Acho curioso... e agradavel.

Eduardo.--Sim. Metti Frederico n'essa aventura para se corrigir; jogou por meu conselho; passou uma noite terrivel, e juro-lhe que não torna. Acabe, senhor Bruno, estas revoluções domesticas; entregue o governo outra vez a sua mulher, e creio que ella ha de fazer-lhe concessões importantes.

Bruno.--Pois sim. Tinhamos ajustado em segredo dar-lhe uma lição e cural-a da mania politica. ¿Mas quer que lhe diga a verdade? Quando me vi no poder, o juizo deu-me uma volta e tomei-lhe o gosto.

Eduardo.--¿E agora?

Bruno.—Estou prompto a abdicar, mas custa-me. Obedeci por tanto tempo que me era grato mandar. (*Eduardo chega á saccada*) ¿Aonde vae?

Eduardo—(*acenando com o lenço*) Chamo Frederico O pobre moço espera o meu signal na rua.

Bruno—¿E o que hei de fazer?

Eduardo—Perdoar-lhe. ¡Que remedio!... Restituir a paz e volver á obscuridade, coberto de bençãos. ¿Quer que chame todos? (*tocam á campainha da rua*) E' Frederico. (*abre as portas da sala*) ¡Venha!

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Clara, Emilia, depois Rosa, Bento, e logo depois Frederico

Clara—¿Chamaram?

Eduardo—Seu marido, minha senhora, quer pôr termo aos males que todos deploram.

Clara—¿Fala serio? (*Os creados entram*)

Eduardo—Oiçam vocês. (*aos creados*) Tambem lhes toca por casa.

Rosa—¿O quê? (*apparece Frederico*)

Clara—(*vendo-o*) ¡Vem cá, libertino!

Eduardo—Senhora, hoje é dia de amnistia plenissima. Entra Frederico.

Frederico—Se o arrependimento d'um filho...

Bruno—Da minha parte estás perdoado.

Clara—Da minha...

Eduardo—Tambem. Basta para castigo o susto que elle teve.

Frederico—Tão grande, que prometti nunca mais pegar em cartas.

Eduardo—D. Bruno quer que a paz volte a esta casa. Resolveu abdicar.
Emilia—¿Que oiço?
Bento—Que finorio é este senhor Eduardo.
Rosa—¿¡Se a senhora volta, o que será de nós!?
Bruno—Espero que a experiencia aproveite. ¿Clara, está convencida de que n'uma casa não ha thronos, nem eleições, nem povo, nem leis, e que não se governa com os rigores theoricos dos artigos de jornaes?
Clara—Estou. ¿Porque? ¿Entregas-me o governo?
Eduardo—Entrega. Mas com a condição de ser suave e benigno...
Bruno—¡Senão deitamos-te abaixo com barricadas! (*a Frederico*) Sairás umas vezes por outras e tua mãe ha de consentir. (*aos creados*) Vocês podem dançar nos domingos até ás 8 horas da noite, mas em faltando ao toque de recolher, ponho-lhes as arcas no olho da rua. ¿Entenderam? E tu, mulher do meu coração; se me queres manso como uma ovelha, muda de genio e de modos, ou ficas sem dinheiro, sem marido e sem governo.
Clara—Prometto.
Bruno—Nada de programmas. ¡Não me fio nem dos meus! ¡Queremos obras e não palavras!
Clara—Descança. Hei de conciliar a firmeza com a brandura. A paz e harmonia dos poderes.
Bruno—¿¡Tornamos outra vez á vacca fria dos poderes?!...
Clara—¡Não! ¡não!
Bruno—Olha que o fim remata a obra. ¡Toma sentido!
Eduardo—¿E eu que fui o pacificador de todos, não mereço premio?
Bruno—E'verdade. Elle ama Emilia...
Clara—(*a Emilia*) ¿E tu?

Emilia—(*com pejo*) ¡Tambem!...

Clara—¡Concordo que seja nosso filho! ..

Eduardo—¡Mil graças! (*beija-lhe a mão*)

Emilia—¡Ditoso dia!...

Clara—¿E se, apezar dos meus esforços para fazer todos felizes, alguma vez notar signaes de descontentamento?...

Eduardo—Cumpra o seu dever. Não ha governo que possa agradar a todos.

FIM DA COMEDIA

INDICE